



ANO II — N. 5

(NOV 59)

Coordenador: Major OCTAVIO TOSTA

da Seção de Geografia e História do EME

SUMÁRIO DA SEÇÃO

I — DOCTRINA

"A Conjuntura Nacional" — "Fatores Geográficos" — "Aspectos Geopolíticos" — (2ª Parte), conclusão do número anterior — MARIO TRAVASSOS, Marechal.

II — ESTUDOS E ENSAIOS

"Áreas Internacionais de Compreensão e Áreas de Atrito" — "Tendências Expansionistas" (Continuação dos dois números anteriores): — 4. "Necessidade de uma perspectiva participante atualizada como elemento integrador e de ordenação". "Noções de áreas estratégicas e de antagonismo dominante"; 5. "Zoneamento mundial à luz da conjuntura atual e do ponto de vista brasileiro" — GOLBERY DO COUTO E SILVA, Cel.

III — ARTIGO ESTRANGEIRO

"A Teoria Geopolítica de Mackinder e a Apreciação Político-Estratégica nas Duas Guerras Mundiais" — W. CONTRE-RAS A, Maj (Trad. da "Revista Militar del Peru" n. 651 de 1959 p. Carlos Eduardo Tosta).

IV — ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

"Military Review" — OCTÁVIO TOSTA, Maj.

A **BIBLIOTECA DO EXÉRCITO** já publicou as seguintes obras sobre **GEOPOLÍTICA** :

- 1) **GEOPOLÍTICA DO BRASIL — 1947 —** Brigadeiro Lísias Rodrigues (Esqt).
- 2) **A GEOGRAFIA NA POLÍTICA EXTERNA — 1951 —** Ten-Cel Jaime Ribeiro da Graça.
- 3) **PROBLEMAS DO BRASIL — 1952 —** Cel Adalardo Fialho.
- 4) **GEOPOLÍTICA GERAL E DO BRASIL — 1952 —** Everardo Backheuser.
- 5) **FRONTEIRA EM MARCHA — 1956 —** Renato de Mendonça.
- 6) **ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DO BRASIL — 1957 —** Ten-Cel Golbery do Couto e Silva.

As declarações expressas nos artigos da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA** são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores e não implicam no endosso oficial às opiniões ali contidas.

A matéria divulgada na **SEÇÃO** pode ser reproduzida em livros, jornais ou revistas, exceto quando sejam expressamente reservados os respectivos direitos. As transcrições deverão consignar a fonte e, no caso de artigos assinados, deve ser referido sempre o nome do autor.

Solicitamos dois exemplares da publicação que transcrever matéria da **SEÇÃO DE GEOPOLÍTICA**. A correspondência deve ser endereçada ao Major Octavio Tosta — “A Defesa Nacional” — Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, Brasil.

I — DOCTRINA

A CONJUNTURA NACIONAL — FATORES GEOGRÁFICOS — ASPECTOS GEOPOLÍTICOS

Marechal MÁRIO TRAVASSOS

2ª PARTE (Conclusão do número anterior)

13 — Alguns fatos demonstram de quanto ainda estamos longe de conceitos político-econômicos em *sintonia* com a própria dinâmica territorial, em verdade, o artifício de compensação entre as contingências e as características geográficas do país.

Antes de qualquer outro fato convém citar o valor político-estratégico da Região Nordeste, que somente a II Guerra Mundial iria "revelar", como verdadeira surpresa para muitos senão para quase todos os órgãos responsáveis pela segurança nacional de tal modo estava essa região geonatural esquecida sob a poeira dourada de seu glorioso passado. Sua reativação *a fortiori* é que daria lugar à multiplicação da circulação interna na Região Leste, com a melhora da navegação do São Francisco, a construção da Rio-Bahia e a ligação ferroviária Minas-Bahia e inspiraria talvez a Hidrelétrica de Paulo Afonso como elemento básico da recuperação do grande vale do São Francisco. (Esbôço F)

14 — Ainda é a ameaça da III Guerra Mundial que entretém essa reativação da Região Nordeste, particularmente do ponto-de-vista naval e aéreo e do equipamento dos transportes da Região Leste, Nordeste e Norte no que respeita aos novos feixes de circulação segundo os meridianos, notadamente os aéreos. Estes fatos como que preenchem o hiato entre os centros propulsores da política e da economia nacionais em relação à Amazônia, cujas potencialidades estão praticamente para serem incorporadas ao sistema de forças políticas e econômicas do País. Começam mesmo a sugerir o ataque indireto ao vale imenso, partindo de bases na Região Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás) e da Região Nordeste (Maranhão e Piauí) e da Região Leste, (Ligações transversais), numa ação conjugada com a expansão da fronteira econômica e demográfica para oeste. (Esbôço F)

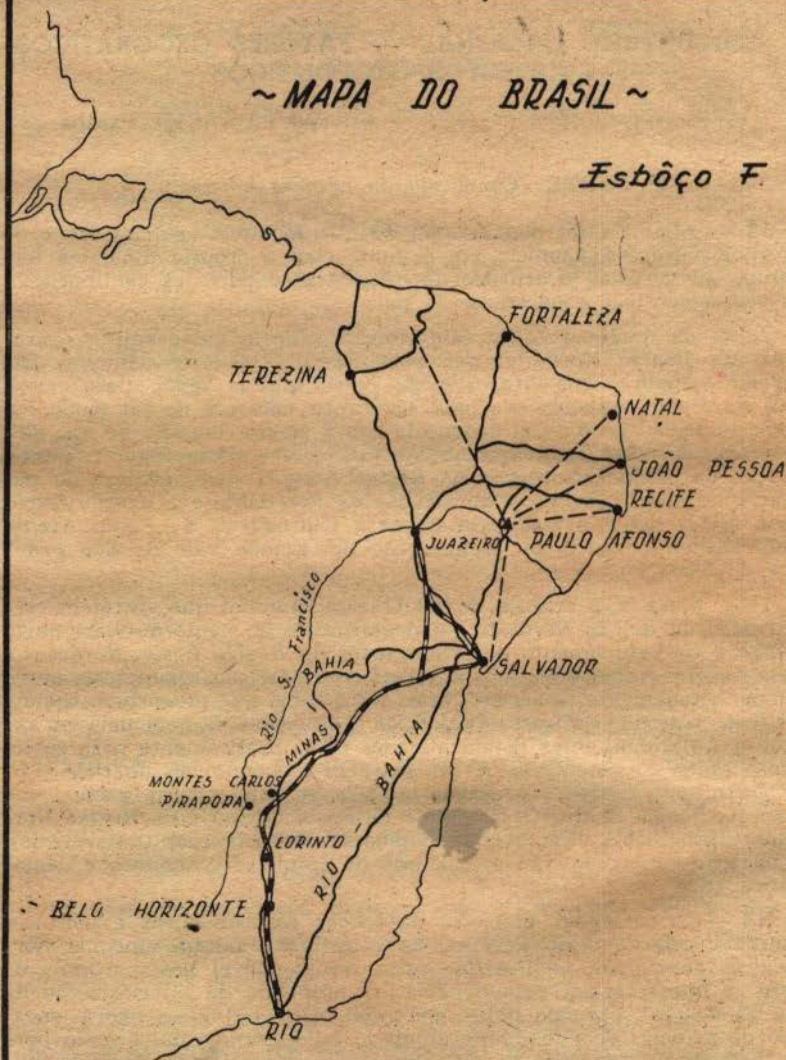
15 — A soldagem, entre si, das peças geoconômicas e políticas, admitidas pela "Divisão Regional do Brasil" não faltam vínculos morfológicos adequados, análise que seria recomendável aos que mais de perto se interessassem pela matéria. O problema da interiorização da Capital Federal, previsto desde a Constituição de 1891 e, agora, encarado de maneira decididamente objetiva, talvez seja o único meio para dar sentido prático a esses vínculos morfológicos, assim aptos a soldarem as peças geoconômicas e políticas do "Território Nacional.

O que realmente nos tem faltado para a efetivação do *facies* circulatório do País, é uma *mentalidade viatória* capaz de tornar meridianamente compreensível que vivemos em plena era da pluralidade

Reativação da Região Nordeste

~ MAPA DO BRASIL ~

Esboço F.



Antônio César Rodrigues - 2º Sgt. Des.

Sa. Seção do E.M.E./Rio-16/9/59.

dos transportes, a qual se ajusta como uma luva a *pluralidade* das condições geográficas brasileiras.

Poucos são os que se apercebem de que o motor de combustão interna quebrou em definitivo o sentido unilateral dos transportes, depois de adaptado a todos os tipos de veículos. Há mesmo quem sequer leve em conta que cada meio de transporte tem sua carga específica, referida ao póso e ao volume ou a adequadas combinações desses dois elementos característicos das cargas e que, em consequência, a competição entre os meios de transporte não existe senão em aparência devido à lenta acomodação técnico-econômica dos meios mais antigos aos mais recentes, particularmente se considerados outros fatores tais como a velocidade, a comodidade e a segurança, não só quanto a cargas como, mais de perto, quanto a passageiros. Essa natural lentidão, que se poderia atenuar em seus efeitos psicológicos e econômicos por meio de medidas necessárias, apenas se agrava com a generalizada incompreensão dos fatos viatórios, como assim o comprovam a existência de intransigentes partidários desse ou daquele meio de transporte, e a maneira mais ou menos leviana porque uns acusam os outros.

Acurado estudo dos transportes entre Rio e São Paulo seria por demais ilustrativo se feito desde que construída a rodovia até ao presente momento.

Primeiro seriam as reações sobre os transportes ferroviários, particularmente quanto ao volume do tráfico; depois as reações sofridas pelos transportes rodo e ferroviários pela frequência dos transportes aéreos: finalmente, as reações que a retificação e pavimentação da antiga Rio-São Paulo fizeram sentir sobre os transportes aéreos e ferroviários, especialmente quanto a passageiros (ônibus de luxo frequentes). De cada vez que se manifestaram essas reações, os partidários do meio de transporte provocador se mostraram vitoriosos, embora tudo não tenha passado de mera acomodação do tráfico a novas condições de tráfego. Quando o Paraíba venha a receber o tratamento hidráulico de que tanto anda precisando, inclusive para dar fim ao drama do fornecimento da energia elétrica, quando esse caudal venha a ser navegável, pela regularidade de volume d'água por seções, é certo que os transportes entre o Rio e São Paulo virão a ser excelente campo de pesquisa viatória.

16 — Não é, porém, o caso do dobramento dos transportes o que mais interessa por isso que resulta, espontaneamente, do desenvolvimento econômico e da importância política das áreas que o polarizam e da disponibilidade de diversos meios de transporte. O que interessa do ponto-de-vista da efetivação *progressiva* do *facies* circulatório do País, tendo em vista soldar suas peças geoeconômicas e políticas segundo as naturais tendências dinâmicas do território, é a *continuidade viatória* pela justaposição longitudinal dos meios de transporte de que se dispõe.

Essa, aliás, foi a noção que presidiu à elaboração dos primeiros planos de viação nacional, dentre os quais cumpre destacar os de Bulhões e Bicalho, notadamente porque só poderiam dispôr da máquina a vapor aplicada aos trens e aos barcos. Nesses planos, as ferrovias e as vias navegáveis, como o São Francisco e o Paraíba por exemplo, entravam como elementos combinados, tendo em vista assegurar a continuidade viatória. Apesar de engenheiros, de técnicos, não lhes escapou ao espírito o sentido político dos transportes, que não é outro senão a *livre e contínua circulação da riqueza*.

Tão judiciosa noção, especialmente se no quadro da complexidade geográfica do Brasil, ao invés de se robustecer com a disponibilidade

de novos meios de transporte (inclusive o rejuvenescimento da estrada de ferro com o emprêgo do motor de combustão interna nos elementos de tração) regrediu de modo lamentável pela interferência quase sempre intempestiva de preconceitos técnicos, gerando o menosprêzo pelo sentido político dos transportes, senão mesmo a incapacidade para distinguir o que é *político* (circulação) do que é *técnico* (transporte), o que a freqüência em usar-se o termo *transporte* quando se quer referir à circulação denuncia claramente.

Daí certa deformação dos fatos quando se diz que faltam transportes ao Brasil, pois, em verdade, mais do que meios de transporte o que falta é *circulação*, seja por deficiências técnicas dos transportes (traçados, perfis, veículos, suporte técnico etc.), seja por completa ausência de coordenação dos transportes (reguladoras que ajustem a circulação às disponibilidades dos meios de transporte), seja, principalmente, pela falta de *continuidade viatória* por meio de transportes longitudinalmente justapostos, satisfeitas, é claro, as condições econômicas mínimas.

17 — No momento presente já se pode contar com excelentes planos de viação nacional, embora ainda restritos aos transportes ferro e rodoviário, projetados em separado como não podia deixar de ser feito, estando para ser elaborados os planos de viação fluvial e aéreo.

Aquêles planos é certo que atendem à *dinâmica territorial*, mas tomada em absoluto, sem que se leve em conta certas reações continentais e extracontinentais e muito menos a interação das regiões geonaturais do País, isto é, mais ajustadas às características geográficas e, por isso mesmo, menos aptos a atender às contingências geográficas, a que vimos referindo.

Acresce que no estabelecimento das condições de execução dos planos de viação só se prescreve sobre condições técnicas (rampas, gabaritos diversos, raios de curva, previsão de duplicação, etc.) a que cada um deve satisfazer em sua construção, imediata ou mediata, o que ainda está no domínio do transporte, da técnica viatória.

Se dispuséssemos de uma mentalidade viatória em sintonia com a dinâmica espacial, na mais ampla expressão do termo, além dessas condições técnicas a serem satisfeitas pelos meios de transporte, não há dúvida que seriam previstas também *condições gerais e particulares de execução simultânea* dos diversos planos de modo que em cada fase, por judiciosa conjugação de transportes, ficasse assegurada, em grau mínimo que fôsse, a *circulação*, em particular quanto a certas áreas de feição decisiva para a soldagem das peças geoeconômicas e políticas do País.

*
* *

18 — A coexistência de influências continentais e extracontinentais sobre um país, sem dúvida que é coisa corrente e de efeitos conhecidos, segundo as circunstâncias em que se manifestam essas influências. Mas raramente assume, como no caso brasileiro, o caráter de *verdadeira dualidade*, de tal modo se tornam inseparáveis em suas recíprocas reações a *continentalidade* e a *universalidade*, não só da terra, como vimos de examinar, mas, também, da gente brasileira.

Antropológicamente, somos, em verdade, um povo de mestiços, o que segundo os mais recentes e autorizados estudos e observações nos domínios da Antropologia nos recomenda fortemente para a vida moderna, especificamente do ponto-de-vista político, social e psicológico.

Mas, por inércia ou comodismo, deixamos que a mestiçagem brasileira fôsse levada à conta, exclusivamente, da miscigenação entre

brancos e negros. Para os povos das Américas e do resto do mundo somos um povo *apenas* de mulatos, o que não corresponde à realidade, por isso que o *processus* da colonização portuguesa e sua subsequente evolução através de variadas interferências étnicas, deram ao Brasil um homem por assim dizer *plural*, consoante a *pluralidade* morfológica e climática da terra. E foi esse *Homo Brasilienses* quem, plasmado pelas características do meio, criou uma civilização que lhe é própria, possibilitando a harmonização dessas características com certas contingências por vêzes de aspecto definitivo.

19 — Do ângulo *americanista*, a força dessa civilização resulta do fundo indiano de sua *etnia*, as mais das vêzes negligenciada pelos que apreciam os fatos antropológicos brasileiros. Ao invés de europeizar-se o indígena foi o branco que se *indianizou*, no dizer de Pedro Calmon.

De fato, é indiscutível a influência indígena na vida cultural e política da gente brasileira. São autênticos caboclos: Carlos Gomes, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Quintino Bocayuva, Benjamim Constante, Floriano Peixoto, Campos Sales, Assis Brasil, Rondon e tantos outros grandes vultos do cenário nacional.

Figuras indelévels de caboclo são o *Bandeirante*, a devassar e tomar posse do interior da terra: o *Jangadeiro* e o *Vaqueiro*, a dominarem os "verdes mares" e o carrascal do Nordeste; o *Jagunço*, armado de trabuco contra a injustiça social; o *Gaúcho*, indomável sentinela avançada no Prata; o *Caipira* e o *Matuto*, com a imensa e profunda filosofia de seus cismares. Oito dos vinte Estados da Federação têm nomes indígenas e há milhares de termos indígenas, toponímicos ou incorporados ao linguajar da nossa gente. Deve-se ainda registrar os traços inequívocos da influência indígena nos diversos gêneros de vida de nossas populações e maneiras de viver (cozinha, utensílios, maneiras pessoais, etc.). E não fôra sair do quadro que nos foi proposto poderíamos também examinar a distribuição das manchas de mulatos, caboclos, brancos e negros no território nacional, de cujo esforço demo-antropológico resultaria a convicção do volume e do papel das populações nitidamente caboclas como no interior do Rio Grande (região das Missões), de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo; de quase todo Mato Grosso e Goiás; do interior da região Leste; de quase toda a Região Nordeste e de toda a Região Norte.

20 — A *universalidade* da gente brasileira assenta nessa *etnia* cabocla ou melhor luso-indígena.

Primeiro seria o impacto dos sangues d'África — o *Hansa*, negro altivo, econômico e guerreiro; o *Gêge* ou *Nagô*, dócil, sentimental, preferido para os trabalhos domésticos; o *Bantu*, mais apto ao trabalho braçal, diversificação que permitiu tomasse o negro, a seu tempo, parte ativa na formação da nacionalidade brasileira. Dêsse impacto surgiriam mulatos de alta estirpe — êsses por demais conhecidos para que sejam especialmente citados — e a Mãe Prêta, essa prodigiosa ama-de-leite da Sinhazinha e do Sinhô-Môço, que iria plasmar a configuração humana de nosso lar, fundado na ternura e espírito de sacrifício de que são símbolos as índias Arcoverde, em Pernambuco, Paraguaçu, na Bahia e Tibiriçá, em São Paulo.

Depois, com a imigração, chegaria o reforço de sangue branco-europeu, portador de novas técnicas de mão-de-obra e de renovação artística e cultural, e sangues d'Ásia, com japoneses e chineses, aquêles em acentuada escala, que todos aqui encontraram núcleos de populações livres de preconceitos de raça, religião e credo político.

21 — Em verdade, mestiços de tôdas as raças, sôbre fundo indígena, conforme o predomínio de gênes diversos, é que representam o *homem plural*, o homem-fator geográfico no Brasil, em caldeamento há mais de quatro séculos; êsse homem que fêz a civilização brasileira, tipicamente tropical, mas completa em tôdas as suas peças, assim históricas como culturais; que assimilou, com admirável propriedade as conquistas da Revolução francesa e que, mercê de duas Guerras Mundiais, se integra vertiginosamente nas engrenagens tecnológicas da Revolução Industrial; êsse mesmo cidadão-soldado que transpôs o Atlântico em defesa das liberdades humanas numa definição de atitude em tempos incertos como os que correm.

A lição a tirar-se dêsse conjunto de fatos antropológicos é que a gente brasileira se ajusta pelo fundo indiano de sua etnia às características continentais do território e pela mescla afro-eurásiana à interação extracontinental, em qualquer caso adaptado pela pluralidade étnica à pluralidade geográfica do Brasil.

Essa lição está por ser aprendida. Qualquer política de caráter continental esbarra na aparência de que nos faltam vínculos ântropo-americanistas, de vez que nós deixamos passar como rebentos exclusivos de troncos afro-eurásianos. A necessidade de se reivindicar a alta dose de sangue indígena em nossas veias se mostra assim inadiável do ponto-de-vista da política continental, particularmente, em se tratando de países andinos, êsses que circundam quase todo o território nacional e de constituição visivelmente indiana. No terreno extracontinental, é decisivo para a gente brasileira sentir os vínculos que a ligam ao além-mar e que de além-mar se compreenda que suas influências incidem sôbre uma estrutura antropológica de fundo continental.

*
* *

22 — Se quiséssemos resumir as grandes linhas do presente ensaio sôbre os fatores geográficos na Conjuntura Nacional, poder-se-ia apoiar essa síntese na evidente *dualidade* geopolítica expressa por duas frentes rebatidas — a *frente centripeta* do Prata, ao Sul, e a *frente centrifuga* litorânea, ao Norte.

O paralelo de Belo Horizonte poderia servir para balizar o limite entre essas duas frentes. (Esboços A e B)

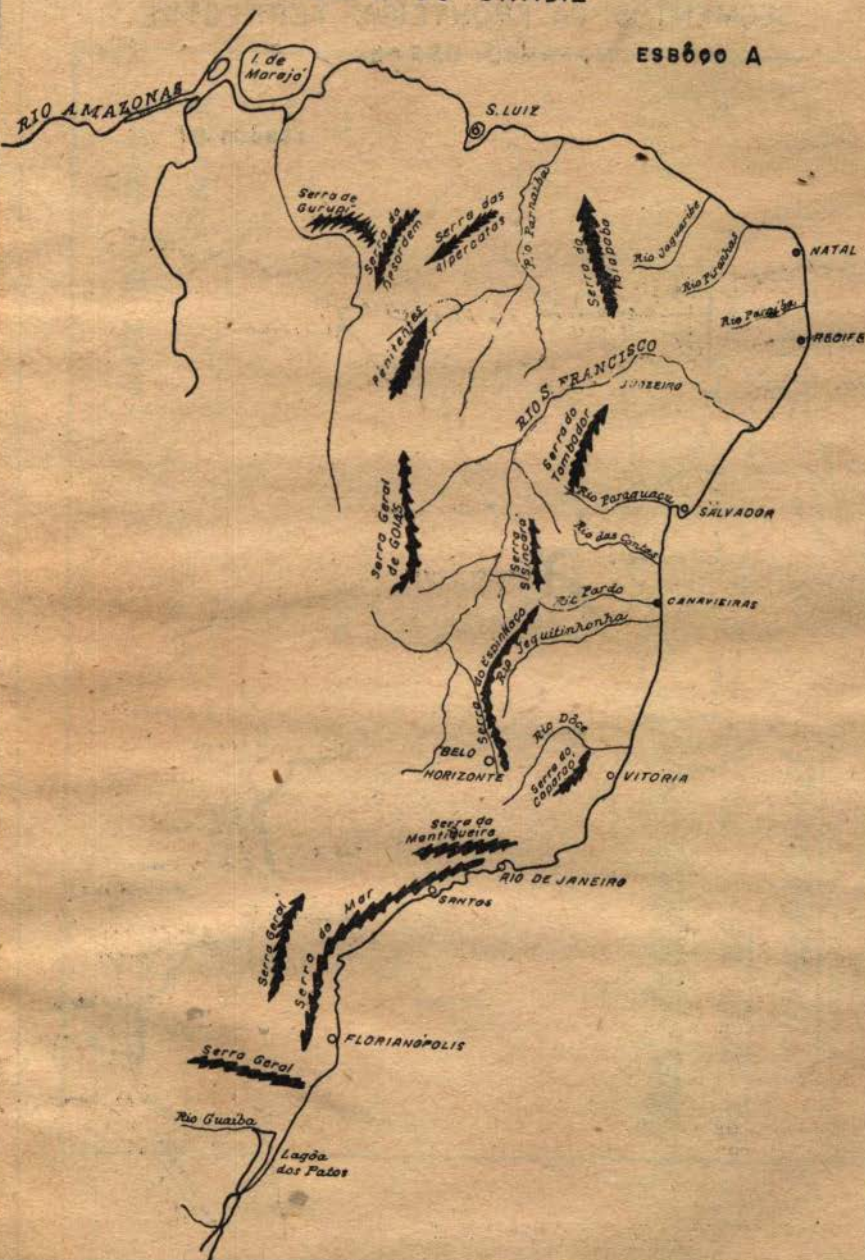
23 — Do paralelo de Belo Horizonte para o Sul se encontram as forças concêntricas da Baía do Prata e o esforço político-econômico para neutralizá-las. Êsse é, aliás, apreciável esforço pois os segmentos da fronteira terrestre, correspondem simultaneamente a países mediterrâneos e à barreira da Serra do Mar, cuja transposição só se faz por passagens obrigadas. (Esboços A e B)

Históricamente, é a corrida para o Prata, o drama da Colônia do Sacramento, as Guerras Cisplatinas, é a Guerra do Paraguai. Mais recentemente, são os reflexos dêsses fatos históricos sôbre todo o planejamento da segurança nacional. Essa seria a frente das ações continentais confinadas, que a própria evolução tecnológica dos países sul-americanos, em particular a do Brasil, vai cada dia mais reduzindo a proporções.

24 — Do paralelo de Belo Horizonte para o Norte é que se verifica a maior acessibilidade litorânea do território, em razão de determinadas características da *posição*, pelo estrangulamento do Atlântico (Dakar-Natal), e da própria natureza do *espaço*, pela presença de sucessivos rios litorâneos e conseqüente afastamento das barreiras oro-

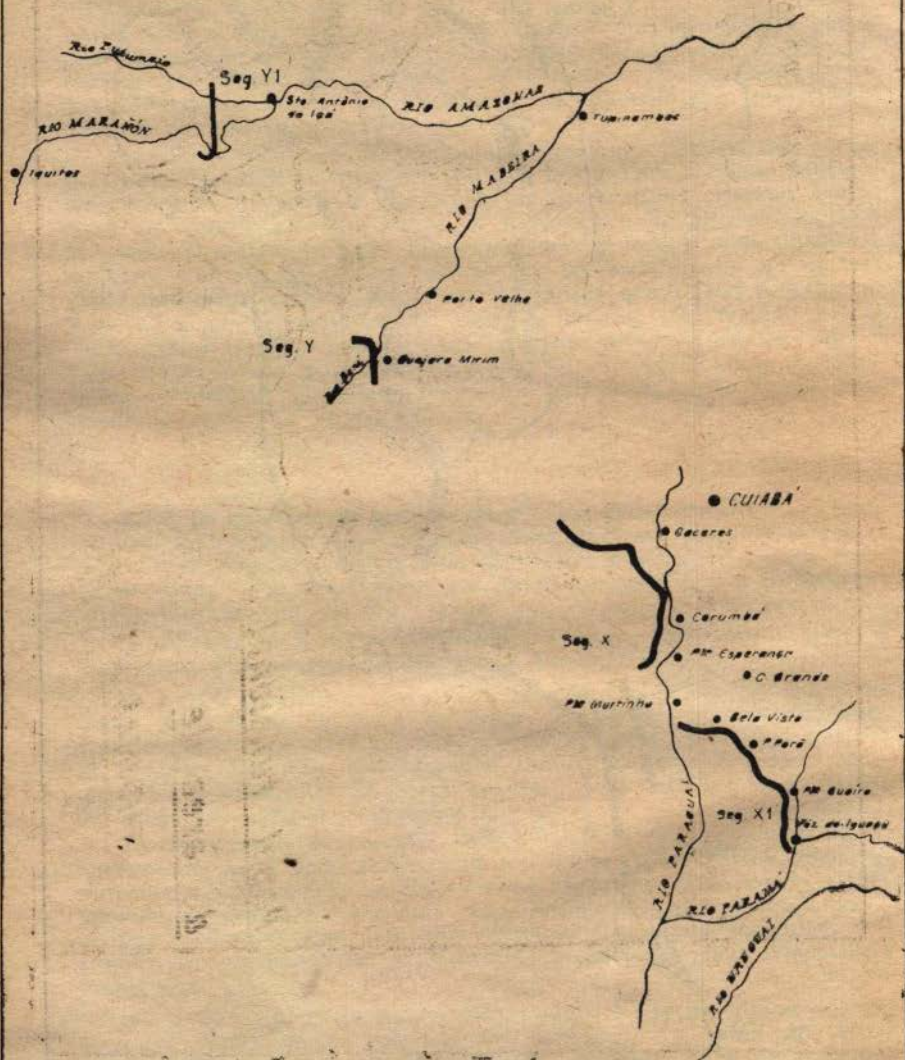
SEGMENTOS DA FRONTEIRA MARÍTIMA
MAPA DO BRASIL

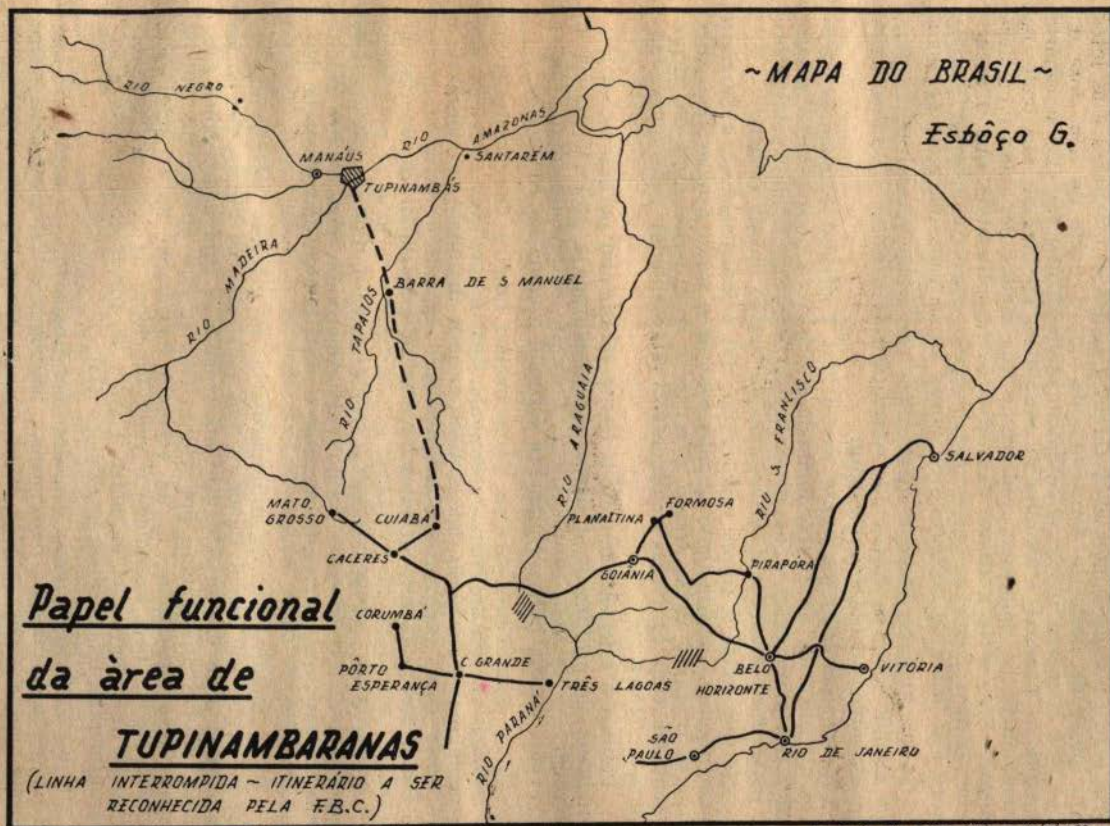
ESB600 A



SEGMENTOS DA FRONTEIRA TERRESTRE MAPA DO BRASIL

ESBOÇO B





gráficas. Esses fatos, aliás, se verificam em concordância com segmentos da fronteira terrestre hidrográficamente vinculados com a profunda aberta do Amazonas. (Esboços A e B)

Tais circunstâncias recordam as invasões estrangeiras que a História registra, cujos pontos altos foram a ocupação holandesa e as lutas pela posse da bôca do Amazonas, de que o Forte de São José do Amapá é o marco indelével. Contemporaneamente, foi êsse o cenário em que se passaria a batalha do Atlântico, no mar ou por onde, no espaço litorâneo, pudessem repercutir seus efeitos de ameaça ou destruição. Essa seria a frente das ações extracontinentais, que o encurtamento das distâncias (em particular pelo emprêgo do avião), o alcance e o poder de destruição de novas armas cada dia mais perigosa.

25 — Algumas considerações finais conviriam fôssem feitas para que melhor idéia se forme das conseqüências políticas de fatos assim tão espontaneamente manifestados.

No equipamento da *frente continental* é preciso escapar às atrações circulatórias do *Prata*, tomando o *Pôrto de Santos* como polarizador dos transportes e da neutralização das forças centrípetas sobre os países mediterrâneos e certas áreas da Região Sul do Brasil.

No que tange à *frente extracontinental* é indispensável, e de certo modo urgente, reduzir tanto quanto possível o vazio demográfico entre a parte litorânea dessa frente e as áreas do interior mais ou menos vinculadas com as forças continentais, representadas pelos países andinos limítrofes.

Política e estrategicamente, a frente continental permite ações longitudinais em profundidade, desde que assegurada a proteção aeronaval litorânea. O mesmo não acontece à frente extracontinental, com a agravante de sua possível manobra segundo a calha do Amazonas.

26 — Finalmente, dentro dêsse imenso quadro de características geográficas e contingências geoeconômicas e políticas, deve-se ter presente o deslocamento dos grandes centros de interesse mundiais, a tendência para a circulação transpolar, o espantoso desenvolvimento do Poder Aéreo, face as grandes longitudinais da dinâmica espacial do Brasil.

Assim é que já se esboça a frente extracontinental em *martelo* segundo a direção transversal do Vale Amazônico, num futuro relativamente próximo, o grande receptor e distribuidor da circulação longitudinal.

Dêsse ângulo, ressalta a importância da vertente setentrional do Grande Vale, sob nossa Bandeira, em particular os atuais Territórios do Amapá e do Rio Branco, por sua vinculação com a economia antilhana, aquêle diretamente por via marítima, êste através da Guiana Inglesa e a Venezuela. E, na vertente meridional do Grande Vale, deve-se deixar bem assinalado o valor funcional da área de Tupinambaranas, verdadeiro fiel da balança entre as forças continentais e extracontinentais em presença. (Esboço G)

27 — Encerrando essas considerações finais, forçoso é concluir que só há um procedimento para operar, política e estrategicamente, sobre frentes, precisamente aquêle cujas normas se enquadram na clássica *manobra em linhas interiores*, em que pese as subtilezas político-econômicas de sua concepção e as dificuldades técnicas de sua execução.

A Conjuntura Nacional, assim apreciada em seus aspectos geopolíticos, parece recomendar seja planejada a atualização das condições geoeconômicas e políticas do País à base da interiorização da Capital e da readaptação do sistema viatório, em sintonia com a dinâmica territorial do Brasil.

II — ESTUDOS E ENSAIOS

ÁREAS INTERNACIONAIS DE COMPREENSÃO E ÁREAS DE ATRITO

Coronel GOLBERY DO COUTO E SILVA

(Continuação do número anterior)

4. NECESSIDADE DE UMA PERSPECTIVA PARTICIPANTE ATUALIZADA, COMO ELEMENTO INTEGRADOR E DE ORDENAÇÃO DO CONJUNTO

A perspectiva terá de ser tomada desde um foco bem definido que outro não poderá ser que o dos próprios *Objetivos Nacionais* (Permanentes ou Atuais), definidos no Conceito Estratégico da Nação considerada.

Eis um setor em que pontos de vista alienígenas têm de ser, o mais rigorosamente, banidos. Pois, só vale a Estratégia — como, de sua parte, a Geopolítica — que fôr estritamente nacional. Não vivemos num mundo de Estados-Nações; e se, na verdade, há cabimento freqüente para estratégias integradas de coligações ou de blocos, estas devem resultar, afinal, de um processo de acomodação conciliadora entre teses estratégicas, tôdas sempre do mais puro quilate nacional.

Fora disso, seria “alienação” das mais perigosas, à qual, seja dito de passagem como manda a verdade, não conseguem furtar-se êsses recalcados “camaradas comunistas”, sempre em busca de tortuosa obediência à linha justa que lhes comandam de Moscou e compelidos a defender, a cada passo, os interesses da União Soviética, a que outrora proclamavam, em altos brados e sem reboços, a pátria de um proletariado internacionalizado e pois, realmente, apátrida. Não é de surpreender que, pelo mecanismo até mesmo inconsciente de uma compensação incoercível, lhes acuda aos lábios, a cada momento, a acusação, aos outros, de alienação, como profissões de fé categóricas, exaustivamente repetidas em estranhos tons da maior e mais descabida violência, de um nacionalismo que renegam em todos os seus atos e, no fundo de seus corações, de fato desprezam.

À luz dos interesses e das aspirações nacionais é que, portanto, ganharão relêvo ou, ao contrário, se verão esbatidos quase de todos os limites das múltiplas compartimentações que se superpõem, desordenadamente, sobre o mapa político do globo, subsistindo então, de tôdas elas, apenas aquelas que permitam clara imagem do que o mundo realmente significa para a Nação considerada. E, assim, virá êste desdobrado em verdadeiras Áreas Estratégicas, do ponto de vista, único justo, que é o da Nação considerada quando refrata a conjuntura atual

do mundo através do prisma cristalino de suas aspirações e de seus próprios interesses — Áreas Estratégicas que já definimos, em outra oportunidade, desde um rigoroso ponto de vista nacional, como regiões que, pelo seu Potencial, constituam um campo de aplicação útil para ações estratégicas visando à própria consecução ou, pelo menos, à salvaguarda dos objetivos definidos no Conceito Estratégico Nacional e que, ademais, pela sua unidade sobretudo eco-sócio-cultural, imponham estreita interdependência e solidariedade entre tôdas essas ações.

Para além dessas Áreas Estratégicas — o mundo que praticamente nem existe para o país considerado, se é que, nos dias que correm, Nação alguma poderá confinar-se, a não ser por estranha e anacrônica falta de visão política, num rincão mais ou menos amplo da terra. Nunca poderia ser êsse, de qualquer forma, o caso do Brasil, com sua inegável expressão geopolítica e a sua já comprovada sensibilidade para os fluxos e refluxos mais longínquos das relações internacionais.

Importa ainda salientar que a perspectiva participante e atualizada, única razoável e fiel para cada Nação, nem de longe poderá obscurecer — antes terá, necessariamente, de refletir — as tensões mais fortes e que se fazem sentir, nitidamente, em todo o mundo ecumênico de cada época — o planêta todo, nesta quadra em que vivemos, do mais memorável encontro de civilizações —, como decorrência do Antagonismo Dominante que a essa época caracteriza.

O Almirante Castex já havia assinalado, em perspectiva bem menos vasta porque muito européia, que, em cada época, surge sempre um “grande perturbador”. A noção de Antagonismo Dominante traduz, no fundo, uma idéia semelhante, ampliada ao campo dos choques entre civilizações e culturas distintas quando das fases decisivas dos encontros entre elas, ao invés de confinada ao círculo mais estreito dos conflitos internos, através dos quais, no trágico ritmo toynbeeano, as civilizações alcançam a integração de seu ecúmeno ou desaparecem e morrem.

Em cada época considerada, o Antagonismo Dominante, como um ímã potente, reorienta tôdas as tensões secundárias, distorcendo-as até mesmo de seus fins particulares, em proveito da grande pugna que se trava. Desconhecê-lo, relegá-lo a plano secundário na análise geopolítica ou geostatégica seria erro imperdoável que nunca seriam bastante para resgatar os mais honestos propósitos de um sadio nacionalismo. Se êste quiser constituir-se na força e motivação e impulso renovado que pode e que deve ser, precisa, antes de tudo o mais, firmar os pés na realidade conjuntural que defronta, nunca renegando-a afoito, mas aceitando-a pelo que de fato vale, para aproveitar, sábia e prudentemente, de tôdas as oportunidades que não deixarão de surgir-lhe para a implementação de seus próprios objetivos.

O avestruzismo vai sempre de mãos dadas ao espírito irrealista e utópico que nada sabe construir, afinal, de positivo e duradouro, no terreno duro e áspero da realidade imperativa.

5. ZONEAMENTO MUNDIAL À LUZ DA CONJUNTURA ATUAL E DO PONTO DE VISTA BRASILEIRO

Não tomaremos, como deveríamos se tempo houvesse e nos fôsse dado abusar da paciência dos prezados ouvintes, o ponto de partida de um Conceito Estratégico Nacional, tal como se nos afigura conviria esboçá-lo para o caso brasileiro, a fim de concluir dêle, de suas Premissas Básicas como dos Objetivos Nacionais Atuais que definiria, das hipóteses de antagonismos que configuraria, e das Linhas de Ação Estratégicas que apontaria, a imagem do mundo melhor ajustada ao complexo das aspirações e interesses nacionais.

Apresentaremos apenas, ao contrário, essa imagem já plenamente delineada, tal como a vemos em nossas meditações, à luz de todos aqueles condicionamentos de base e sob a pressão tremenda do tremendo antagonismo de nossos dias. Não buscaremos justificá-la. Estamos mesmo convencidos de que, até certo ponto, ela se justifica por si mesma, nas linhas mais simplificadas em que aqui a resumiremos, sob a forma de um zoneamento mundial, poderíamos dizer de base, traçado à vista da conjuntura atual, desde um ponto de vista estritamente brasileiro.

Ressaltam, desde logo (Esq 3), as duas áreas dominantes de poder em que ainda se mantém, desde o fim da última Grande Guerra, polarizado, o espectro do mundo; centradas, uma em Washington e a outra sobre o eixo Moscou-Pequim, irradiam até os mais remotos recantos da terra as projeções de seu incontestável poderio estratégico, determinando uma trama de tensões apenas algo atenuadas no que batizaremos de *bastiões recuados* — áreas de *retaguarda*, se não temermos a crítica dos que nunca perdem a oportunidade de mostrar que aprenderam bem a noção de esfericidade da terra...

Entre as duas áreas dominantes, num giro total de horizonte e em sua vizinhança imediata — áreas-esplanadas do tipo moderno e que se desdobram do Ártico, pela Europa atlântico-mediterrânea, o Oriente Médio, o subcontinente da Índia, o Sudeste da Ásia e a imensidade insular do Pacífico.

Mais protegidas, em uma segunda linha, áreas de *retaguarda* ou *bastiões recuados* — a América Latina, a África atlântica e do sul e o continente gelado da Antártida enclausuram o mar interior do Atlântico Sul, mediterrâneo vital que possibilita a soldadura do conjunto em extraordinária plataforma giratória de manobra. É evidente que, nesse conjunto triangular — circundado a oeste pela cintura dos países irmãos da América Latina, não superiormente aquinhoados em potencial estratégico, defrontando-se a leste com a África subdesenvolvida e agitada por profundas tensões internas, protegido ao sul pelo enorme tampão circular da Antártida inóspita e deserta que domina as brechas do Atlântico e do Índico, debruçado sobre o gargalo atlântico que vai de Natal a Dacar — o Brasil está magistralmente indicado na disposição eterna das massas continentais, quando lhe soar a hora, afinal, de sua efetiva e ponderável projeção além-fronteiras. Por enquanto ainda, a despeito da incomensurável dilatação do alcance dos meios mais poderosos de ataque, a posição do Brasil não está também mal resguardada, em verdade, com relação aos centros de poder mais dinâmicos de onde poderão surgir, em qualquer época, agressões de grande porte.

Numa escala menos ampla, restrita à vizinhança imediata tanto terrestre como marítima, bastará indicar (Esq 4), em torno de uma zona estratégica de *Reserva Geral*, balizada pelo núcleo central ecumênico que se estrutura solidamente no triângulo altamente vitalizado de Rio-São Paulo-Belo Horizonte:

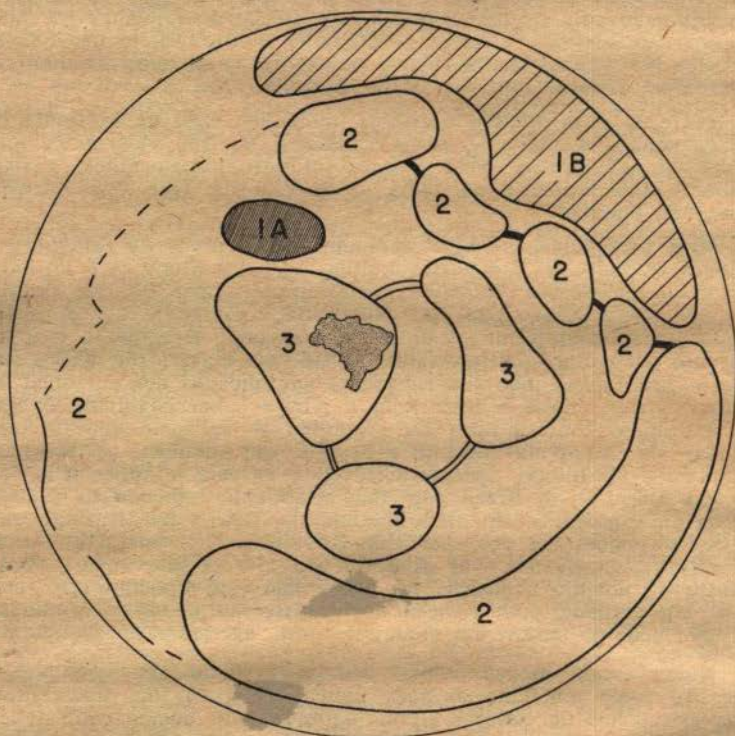
— a oeste, duas zonas estratégicas terrestres — a amazônica e a platina, ligadas por uma zona estratégica de soldadura que abarca, a grosso modo, o Mato Grosso, Paraguai e Bolívia, em sua ambivalência já por muitos assinalada;

— a leste, ainda duas zonas estratégicas, ambas de natureza oceânica — a do Atlântico centro-norte e a do Atlântico centro-sul — também articuladas as duas por uma zona estratégica de soldadura configurada, nitidamente, pelo promontório nordestino.

Não caberia aqui estendermo-nos sobre a importância relativa e o potencial regional dessas áreas estratégicas a cujos destinos estão es-

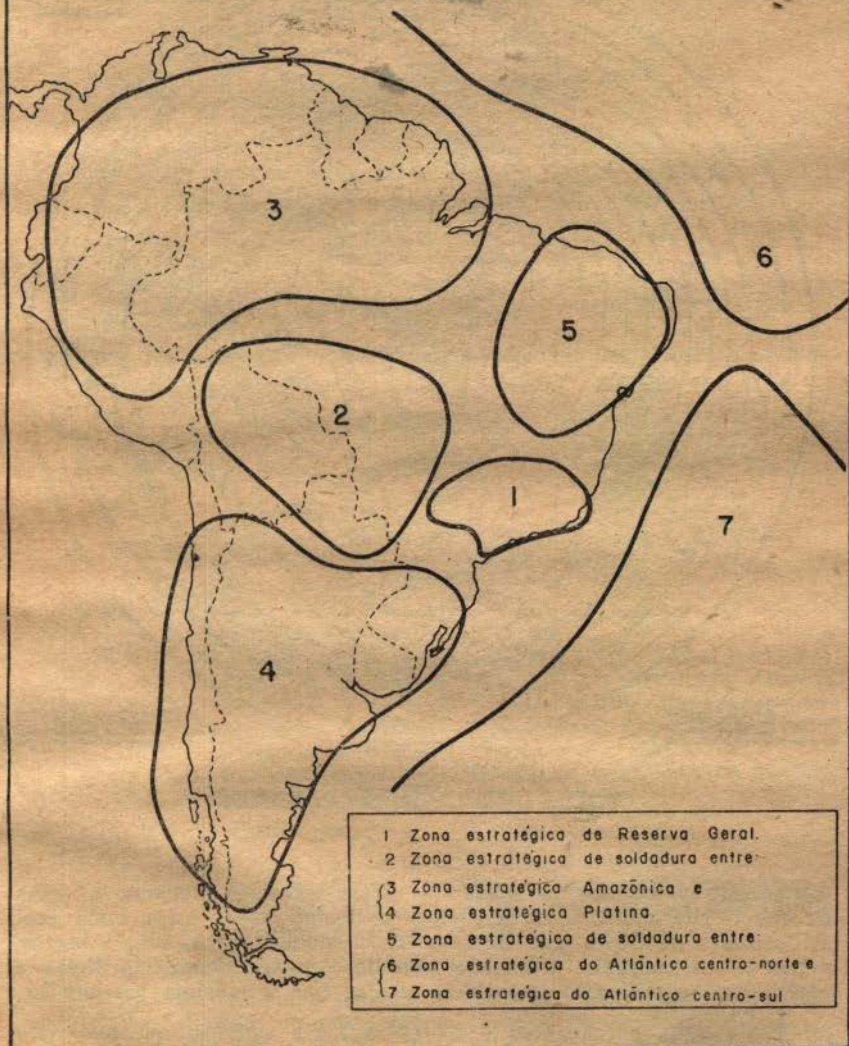
ZONEAMENTO MUNDIAL

Centros de poder
(Áreas esplanadas e áreas interiores)



- 1A - 1B — Áreas dominantes de poder
2 — Áreas esplanadas
3 — Áreas de retaguarda (*bastiões recuados*)

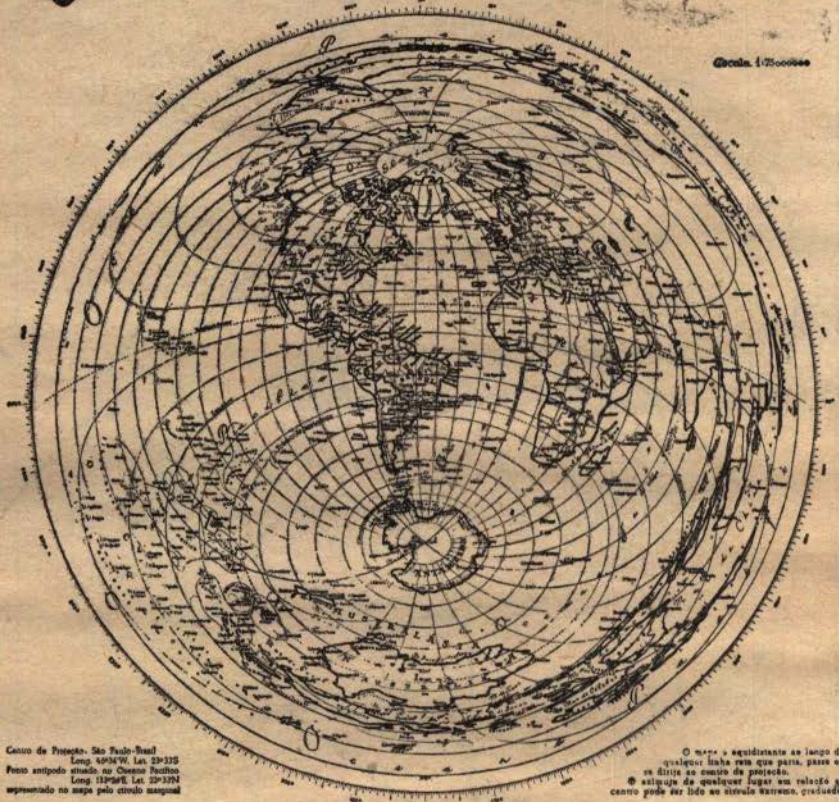
ZONEAMENTO ESTRATÉGICO NA
AMÉRICA DO SUL





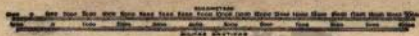
Mapa-Mundi

PROJECÇÃO AZIMUTHAL, OBLÍQUA E EQUIDISTANTE, tendo como CENTRO a CIDADE DE SÃO PAULO
ELABORADO POR JOÃO SOUKUP



Centro de Projecção: São Paulo-Brasil
Long. 49°34'W, Lat. 23°32'S
Ponto antípodo situado na China Ocidental
Long. 119°56'E, Lat. 23°32'N
apresentado no mapa pelo círculo nacional

○ marca o equidistante ao longo de
qualquer linha reta que parta, passe ou
se dirija ao centro de projeção.
○ assinala de qualquer lugar em relação ao
centro pode ser lido ao nível da latitude, longitude.



treitadamente vinculados os nossos — áreas internas, algumas, e áreas de que territorialmente participamos, as demais, tôdas estas, aliás, possíveis zonas de atrito que importa, de qualquer forma, nunca menosprezar — o conjunto articulado por ligações terrestres, marítimas e aéreas cuja significação importaria avaliar com a máxima ponderação.

Baste aqui, porém, com o indicá-las nesta simples esquematização a que nos propusemos, das áreas estratégicas mundiais, delimitadas de um ponto de vista genuinamente brasileiro.

(Conclui no próximo número)

III — ARTIGO ESTRANGEIRO

A TEORIA GEOPOLÍTICA DE MACKINDER E A APRECIACÃO POLÍTICO-ESTRATÉGICA DAS POTÊNCIAS ALIADAS E DA ALEMANHA NAS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

Major W. CONTRERAS A.

(Traduzido da "Revista Militar del Peru" n. 651, de 1959,
por Carlos Eduardo Tosta)

A teoria geopolítica de Mackinder (1904), estabelecida principalmente sobre a realidade geográfica da Europa, Ásia e África, determinou:

- Um coração do mundo: RÚSSIA, núcleo do poder mundial.
- Crescente Interior: ALEMANHA, AUSTRIA, TURQUIA, ÍNDIA e CHINA.
- Um crescente Exterior: INGLATERRA, ÁFRICA DO SUL, AUSTRÁLIA, JAPÃO, CANADÁ e ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE.

Esta teoria repercutiu na política e na estratégia dos alemães nas duas Guerras Mundiais (GGMM).

I — 1ª GUERRA MUNDIAL

A — INGLATERRA

1 — Avaliou (ou estimou):

Que o Império Mundial seria uma realidade se a ALEMANHA se aliasse à RÚSSIA.

2 — Planejou:

a. No Político:

- Aliança entre os Podêres Marítimos: INGLATERRA, FRANÇA, ITÁLIA, EGITO, JAPÃO E COREIA, cabeças de ponte desde onde se pode atacar esta imensa concentração continental. Dá especial importância à posse da ÍNDIA e à aliança com o JAPÃO.
- Faz concessões muito favoráveis à RÚSSIA na questão dos DARDANELOS.

b. No Estratégico:

- Evita a todo custo uma aliança russo-germânica.
- Se fracassar em impedir a aliança citada, controlará o Crescente Interior e o Crescente Exterior com intuito de sitiar o coração do mundo.

3 — Realizou: "Com seu instinto anfíbio":

- Mediante um sistema de bases, um sábio controle da linha interior de comunicação, LONDRES — GIBRALTAR — MALTA — PORT SAID — ADEN — BOMBAY, que domina a zona central EURO-ASIÁTICA.
- Sob a proteção do sistema de comunicação citado, pôde estabelecer o controle do Crescente Exterior: CANADÁ, ÁFRICA DO SUL e AUSTRÁLIA.

— A aliança com o JAPÃO completava o cerco inglês ao "Pivot" geográfico da História".

B — ALEMANHA

1 — Avaliou:

A necessidade de sua união com a RÚSSIA. Desde Bismarck, suas frases "o povo germânico não tem nenhum interesse fundamentalmente no Mar CÁSPIO ou no MEDITERRÂNEO; "não devemos e não queremos impor à ALEMANHA o dever de lutar com a RÚSSIA pela sorte de "BAGDAD"; não há nada no Oriente Próximo que valha os ossos de um celeiro da Pomerânia" revelam a compreensão de seu problema.

2 — Planejou:

a. No Político:

- Penetração lenta e pacífica na TURQUIA, que era zona de influência da INGLATERRA, FRANÇA e especialmente da RÚSSIA.
- Luta e obtém a construção do FC que uniria CONSTANTINOPLA — BAGDAD, que se articularia com o sistema europeu, chegando a HAMBURGO e BERLIM. Isto provoca a aversão da FRANÇA e INGLATERRA, e de fato sacrifica a amizade russa.

b. No Estratégico:

- O REICH disporá de uma linha longitudinal que atravessará diametralmente a EUROPA e dobrará, melhorando-a, a linha marítima LONDRES — SUEZ, sendo dono do Crescente Interior.
- Já não poderá contar com o apoio estratégico russo.
- ~~Para fazer a guerra a uma potência marítima, deve neutralizar a potência europeia, que impede sua marcha.~~
FRANÇA.

3 — Realizou:

- Com um critério mais europeu que mundial, não pôde concluir o projeto do FC a BAGDAD, pois a INGLATERRA se aliou aos países intermediários pertencentes ao crescente interior, impedindo sua realização.
- A segunda guerra balcânica determinou a aliança turco-búlgara e, em consequência, GRÉCIA e SÉRVIA se aliaram à INGLATERRA.
- O FC de BAGDAD se interrompe em BELGRADO sem a realização do trecho BUCAREST — SOFIA.

C — DESENVOLVIMENTO DA GUERRA PARA AMBOS OS CONTEN- DORES

— Êxito para as potências aliadas e fracasso para os Impérios Centrais:

- 1º. O erro de von Kluck e a heróica reação francesa (batalha do Marne) fizeram fracassar o minucioso e rapidíssimo plano de von Shlieffen.
- 2º. As campanhas dos Generais ingleses MURRAY e AL-LEMBY, na PALESTINA, afastaram o perigo turco-alemão e conservaram a integridade do Canal de SUEZ.

D — CONCLUSÕES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

- 1 — As razões geográficas dão ênfase aos lineamentos gerais da Política Internacional a seguir e à Estratégia necessária para seguir aquela.
- 2 — Acerto da Política Inglesa em buscar a aliança com a RÚSSIA e sem complemento com a FRANÇA.
- 3 — A ALEMANHA, esquecendo a Bismarck, segue a "Política do FC a BAGDAD" e determina como capítulo principal de sua Estratégia, a ocupação de SUEZ; e ainda que chegue muito perto de seu objetivo, não pode conquistá-lo porque emprega forças insuficientes.
- 4 — A INGLATERRA despreza a importância Estratégica do Canal de Suez e situa inicialmente forças insuficientes para sua defesa.
- 5 — Em 1917, a INGLATERRA derrotou a invasão alemã da PALESTINA a SUEZ, repelindo-a de SUEZ a JERUSALÉM.
- 6 — Dissolveu-se a importância VITAL DO CANAL DE SUEZ e do ORIENTE MÉDIO para a INGLATERRA.

II — 2ª GUERRA MUNDIAL

A — INGLATERRA

1 — *Avaliou:*

A necessidade de consolidar sua posição na "soldadura estratégica do Oriente Médio".

2 — *Planejou:*

a. *No Político:*

- Seguir a "política do FC a BAGDAD" que seguiu a ALEMANHA na 1ª Guerra Mundial, por inspiração errônea do Kaiser.
- Converter o ORIENTE PRÓXIMO em zona de influência inglesa.

b. *No Estratégico:*

- Esforçar-se para controlar marcadamente o CRESCENTE INTERIOR, fortificando suas comunicações mediterrâneas com a ÍNDIA.
- Descuida do domínio do CRESCENTE EXTERIOR (afastamento do JAPÃO).
- LONDRES propicia a criação de um Exército considerável na SÍRIA (15 Div. do Gen. WEYGAND).

3 — *Realizou:*

- Com seus aliados prepara o assalto final à "fortaleza europeia", o que se realizou com êxito.
- Reforça a defesa do Egito e renova seu comando no MEDITERRÂNEO.

B — ALEMANHA

1 — *Avaliou:*

- Sob a inspiração do General HAUSHOFFER e o EMG das FF AA, trataria de realizar o Plano MACKINDER.

2 — *Planejou:*

a. *No Político:*

- Ocupa possessões fortes no CRESCENTE INTERIOR e Exterior.

b. *No Estratégico:*

- A MONGÓLIA INTERIOR, deixa-a sob o contróle japonês.
- Infiltração econômica japonesa no SIÃO, comprometendo o sistema estratégico do EXTREMO ORIENTE, baseado na articulação HONG-KONG — SINGAPURA.
- A ITÁLIA domina a LÍBIA, PANTELLERIA, o DODECANESO, SOMÁLIA FRANCESA, ERITREIA e ETIÓPIA.
- Assinatura do pacto germano-soviético em 1939.
- Luta em uma só frente: a Ocidental.
- A ITÁLIA declara guerra à FRANÇA, integrando o Plano de Guerra alemão com o TO do Norte da África.

3 — *Realizou:*

- Contra toda a previsão luta em duas frentes na EUROPA.
- Não reforça de modo oportuno ou conveniente suas tropas do Norte da África.

C — CONCLUSÕES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

- 1 — A “política do FC a BAGDAD” observada pela INGLATERRA no período de ante-guerra e o começo da 2ª GG é errônea, afasta-o da RÚSSIA.
- 2 — O domínio italiano do Norte e Oriente da África dão importância estratégica a esta área, pois apossando-se da parte mais importante do CRESCENTE EXTERIOR ameaça seriamente o CRESCENTE INTERIOR inglês do MEDITERRÂNEO.
- 3 — A Política seguida pela ALEMANHA foi mais real, de acordo com os objetivos políticos e estratégicos que a interessavam, pelo menos té que HITLER passara a ser condutor da Política e da Guerra.
- 4 — O CANAL DE SUEZ e o EGITO se convertem em objetivos importantes para ambos os contendores.

III — CONCLUSÕES GERAIS DAS DUAS GUERRAS

- 1 — Apesar de não haver sido, nas duas Guerras Mundiais, o ORIENTE PRÓXIMO o TO principal das potências em luta, revelou-se uma ofensiva estratégica alemã (com seus aliados) procedente do N e NO da 1ª GM, e outra ofensiva estratégica de O a E na 2ª GM, no Norte da África, ambas com a intenção de romper a linha de comunicações inglesa no Canal de SUEZ.
- 2 — O ORIENTE PRÓXIMO (CANAL DE SUEZ) determinou um objetivo político e estratégico importante nas duas guerras.
- 3 — Surgiu na 2ª Guerra Mundial um TO, não empregado antes em operações importantes de guerra, no Norte da África.
- 4 — O valor econômico do ORIENTE MÉDIO e a ainda importante artéria do Canal de SUEZ, acrescentam a importância geoestratégica da área e mantêm ainda válido o espírito da teoria geopolítica de MACKINDER.

BIBLIOGRAFIA

- Geografia Contra Geopolítica — J. Mirativilles.
- Geografic Politic World. — W. Warth.

IV — ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

MILITARY REVIEW

(Edição Brasileira — De Abr 45 a Agô 59)

Major OCTAVIO TOSTA

1. A Geopolítica e a Guerra — PAULO ENÉAS DA SILVA, Ten-Cel (Publ no n. JAN da "A Defesa Nacional", Brasil): V. XXXI, N. 3 de JUN 51 — pp 80/82.

S U M Á R I O

1. GENERALIDADES
2. POSIÇÃO RELATIVA DOS ESTADOS NO GLOBO
3. A PRESSÃO DEMOGRÁFICA
4. O ESPAÇO FATOR DEFENSIVO
5. CONCLUSÕES

R E S U M O

O autor inicia o artigo referindo-se à "importância da Geopolítica na solução de problemas nacionais ou entre Estados". Mostra que a posição dos Estados relativamente às diversas zonas de influência do globo "se reveste de aspectos particulares". Apresenta como exemplos a Inglaterra e o Japão que, apesar de países insulares, possuem políticas particularíssimas. Tratando da relação das posições geográficas dos Estados com os problemas da guerra afirma que, na última guerra mundial, "a posição inglesa constituiu o ponto de aplicação das forças para destruição do Eixo; e a do Japão foi "a resultante dessas forças". Cita os seguintes conceitos: *Na guerra, a posição relativa ideal de um Estado é a de rodeado de outros de menor potencialidade que a sua; Estados fracos, vizinhos de Estados poderosos, correm o risco de cair na órbita de influência destes; Estados poderosos e vizinhos mas de interesses opostos, criam um ambiente de intranquilidade cuja solução, às vezes única, é a guerra.*

Fala dos reflexos da pressão demográfica sobre o Estado. Mostra a grande importância do espaço na segurança de um país em tempo de guerra. Na parte relativa às conclusões declara que: "as nações pequenas, militarmente fracas ou mal situadas, ou desaparecem ou entram para a órbita das grandes; há regiões que, embora despovoadas e pouco conhecidas, assumem valor estratégico desusado com a ampliação do conceito de Geopolítica". (Exemplos: Groenlândia e Artico). Concluindo o artigo, admite que "a Geopolítica continuará sendo a arte de guiar a política ou a ciência geográfica de um Estado".

2. O Bastião da Liberdade à Luz da Geopolítica (Bastion of Freedom) — J. M. SPAIGHT, Dr. (Publ. no n. ABR 51 de "Norsk Luftmilitært Tidsskrift", Noruega): V. XXXI, N. 6 de SET 51 — pp 84/87.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. HAUSHOFER E HITLER
3. O PODER AÉREO E O HEARTLAND
4. OS DOIS "CRESCENTES"
5. BOMBARDEIO GLOBAL
6. O BASTIÃO INTERNO
7. INTERDIÇÃO
8. A UNIÃO SOVIÉTICA E SUAS FERROVIAS
9. NECESSIDADE DE DEFESA TERRESTRE
10. A LINHA DO "CRESCENTE INTERNO"

R E S U M O

Iniciando o artigo, o autor refere-se a Mackinder que, segundo suas teorias, considerava o *Heartland* ("coração do mundo") como sendo "a maior fortaleza natural sobre a Terra". Além disso, a extensão e os recursos dessa fortaleza eram tão grandes que, se adequadamente organizados, habilitariam seu possuidor a dominar o mundo. Admite que a mesma idéia foi, contemporaneamente, divulgada por Haushofer na Alemanha. Declara que, segundo esse geopolítico, o futuro cabia às "massas terrestres" e que "os grandes espaços interiores estavam se tornando independentes da costa". Portanto, "o lebensraum ("espaço-vital") da Alemanha devia ser procurado no continente europeu e, especialmente, rumo a Leste, e não no ultramar". Considera Haushofer como "o principal insuflador da política que levou a Alemanha à ruína".

Informa que um escritor militar norte-americano sugeriu a reconsideração do argumento de Mackinder à luz do poder aéreo e afirma que a capacidade do mundo livre, para resistir à agressão soviética, depende desse novo poder.

Ainda com referência ao "mundo de Mackinder", admite que os "crescentes" são, também, na época atual, as fronteiras da democracia e da liberdade humana.

Declara que, nos EUA, já estão reconhecendo a "necessidade de uma força de todas as Armas para fazer face à temida investida partida do Leste". Trata da "política de contenção", como tendo sido "uma consequência inevitável dos erros cometidos durante a guerra" e pensa que essa política "constituiu o único meio pelo qual poder-se-ia evitar que o desaparecimento do equilíbrio de forças entre a Alemanha e a União Soviética — em que Mackinder viu a única esperança de se escapar ao domínio do mundo, por um ou por outro — tivesse resultados tão calamitosos para os povos livres".

Aponta duas fendas na couraça da União Soviética: a virtual dependência de uma única região para seu suprimento de petróleo (Cáucaso) e sua muito vulnerável via de transportes para um ataque ao Ocidente. Reconhece, porém, que "a URSS é um país impossível de se conquistar sob a forma tradicional — pela invasão ou ocupação militar".

Concluindo o trabalho, diz que "Mackinder estava certo quanto ao que escrevera há 30 ou 40 anos atrás; a ameaça era, então, grande, e ainda continua. A diferença é que os fatores geofísicos da equação da defesa foram afetados por transformações políticas e técnicas que não podia ter ele previsto".

3. Poderemos Enunciar Leis na História da Civilização? **DI-DEROT MIRANDA**, Ten-Cel (Publ. no n. FEV 51 da "A Defesa Nacional", Brasil): V. XXXI, N. 7 de OUT 51 — pp 98/101.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. NOÇÕES DE GEOPOLÍTICA
3. ZONAS DE ANTAGONISMO
4. A GEOPOLÍTICA NÃO EXPLICA, SISTEMATIZA OS FATOS
5. A FÔRÇA CENTRÍPETA DOS ESTADOS
6. A FÔRÇA CENTRÍFUGA DOS POVOS
7. ENTRECHOQUE DOS PRINCÍPIOS CENTRÍPETO E CENTRÍFUGO
8. UM SÓ MUNDO

R E S U M O

O autor admite que certas tendências dos Estados vêm desde o fim do século XIX sendo descritas sob o nome de Geopolítica (Geografia comparada, segundo Ritter, Antropogeografia, para Ratzel e Geografia Política, para Artur Dix). Recorda as seguintes leis que, de acordo com Artur Dix, norteiam o espriar das Nações:

1. *Avanço sobre a linha de mais fraca resistência;*
2. *ocupação de toda a bacia hidrográfica por um só governo;*
3. *uma saída para o mar;*
4. *vários acessos para o mar;*
5. *aspirações a costas opostas;*
6. *as grandes vias transcontinentais;*
7. *Unidade Nacional;*
8. *fronteiras naturais.*

Declara que duas ou mais nações, seguindo, simultaneamente, os princípios acima enumerados, ou complexas razões de ordem econômica e financeira — tudo em relação a uma mesma região, determinam as chamadas *Zonas de Antagonismo*. Dita como exemplos o Sarre e a Colônia do Sacramento.

Afirmando que "qualquer expansão dos povos sempre encontrará guarida em uma das enunciadas leis de geopolítica", explica que, por essa razão "tantos ultranacionalistas agressivos, ou estadistas de nações em expansão têm se valido da Geopolítica para justificar suas idéias, determinando com que, essa ciência seja olhada com temor e desconfiança".

Recordando algumas das principais civilizações antigas, observa que elas apresentaram um aspecto comum, caracterizado pela tendência de absorver ou suplantam os vizinhos e jungi-los ao seu centro estatal. Considerando este núcleo como sendo dotado de poder centrípeto, com suas

linhas de força ora atuando na vizinhança imediata, ora através de longas viagens marítimas, conclui que, "*tôda nação possui em estado latente uma força expansionista*". Também julga que "*a cultura gerada em um determinado núcleo estatal, embora sofrendo influxos de outras, das quais freqüentemente haure forças, sistematicamente foge à ação exercida por elas, esforçando-se por não ser absorvida*".

Observa que "um Estado possui, ao mesmo tempo, um poder de absorção (força centripeta) e outro de repulsão à atração dos demais Estados (força centrifuga). Considera estas forças desiguais e julga que da luta entre os Estados, tem prevalecido o princípio centripeto ocasionando a destruição de certas nações. Caracteriza essas tendências com diversos exemplos e mostra que, na época atual, há uma preponderância incontestável de apenas três nações, em todos os assuntos de importância capital. Nota que essas três nações "*já se alinham em apenas dois campos opostos*" e os demais países "*com muito esforço conservam sua independência política e promovem o bem-estar de seus povos*".

Admite que "durante a persistente e surda luta econômica entre os grandes, um ou dois deles poderão baquear.

Concluindo o interessante trabalho afirma que "além de eventuais lutas entre pequenos vizinhos, já existe um conflito político e econômico entre dois mundos, conduzindo-nos, após guerras e sofrimentos, a um só mundo".

4. **Estudo da Guerra** — M. P. O'HARE, Ten-Cel (Publ. no n. OUT 51 do "Australian Army Journal"): V. XXXII, N. 2 de MAI 52 — pp 85/93.

O artigo apresenta o seguinte tópico sobre Geopolítica: "*O estudo da Geopolítica é um corolário vital e necessário para o estudo da guerra. Está especialmente relacionado com os mais altos estudos das operações, bem como, educação daqueles que podem ser chamados para elaborar planos de longo alcance. A Geopolítica abrange um campo muito vasto, e suas definições diferem largamente. Para o estudo da guerra, defini-la como "A Relação de uma nação para com seu espaço". Em seu sentido dinâmico, a Geopolítica é o estudo e avaliação do poderio efetivo ou potencial. O princípio básico dos geopolíticos é que todo o poderio provém de dois fatores: *potencial humano* e *matérias-primas*. Não há dúvida de que carvão, ferro, horas de trabalho e transporte constituem os principais objetivos da revolução comunista*".

5. **Algo sobre Geopolítica** — A teoria de Mackinder à luz da atualidade — M. D. NEWMAN, Ten-Cel Av (Publ. no n. JAN 52 do Royal Air Force Quarterly", Grã-Bretanha) V. XXXII, n. 5 de AGÔ 52 — pp 91/95.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. EXPOSIÇÃO DA TEORIA
3. REEXAME DA TEORIA
4. O PROPÓSITO BÁSICO
5. ALTERAÇÕES SUBSEQUENTES
6. A INFLUÊNCIA DA AVIAÇÃO
7. NECESSIDADE DE UMA COMBINAÇÃO DE FATORES
8. EFEITO DAS ALTERAÇÕES
9. CONCLUSÃO

RESUMO

O autor admite que "nenhum exame dos pontos fundamentais das relações internacionais da atualidade pode ser empreendido sem a introdução da *Teoria do Heartland*". Por isso, julga que uma avaliação do significado desse importante pensamento estratégico, à luz dos acontecimentos modernos, constitui um elemento essencial para "uma correta interpretação da situação e das tendências do mundo atual".

Refere-se ao trabalho apresentado por Mackinder à Real Sociedade de Geografia, em 1904, no qual, o seu autor, caracterizava o *Heartland* (coração da massa terrestre) como sendo constituído da Rússia Asiática, Sinkiang, Mongólia e regiões não costeiras do Oriente Médio. Declara que o célebre geógrafo inglês assinalou "o lento movimento de volta do pêndulo determinado pela expansão russa em direção ao oriente" e "sugeriu que, se o equilíbrio do poder algum dia favorecesse esse Estado-pivô, e seus vastos recursos continentais fossem utilizados para a construção de uma esquadra, então um império mundial estaria à vista".

Reporta-se ao reexame que Mackinder fez de suas teorias em 1918, no qual, concluiu que as bases das mesmas permaneciam firme e também fala da posterior reavaliação feita em 1943 provando que as mesmas ainda continuavam intactas. Também informa que dessa vez, o original *Heartland* foi dividido em dois: "a Rússia — a oeste do Rio Yenisei, e uma área de apoio — a leste, contando com vastos recursos naturais, que chama de *Lenaland*, por ter sua parte central percorrida pelo Rio Lena".

Observando que o mapa de Mercator distorce a realidade geográfica, o autor mostra que as Américas não flanqueiam o *Heartland* mas, pelo contrário, estão ligadas à massa principal da Ásia por meio do gelo polar. Estudando a influência da aviação afirma que este terceiro e importante meio de transporte destrói a barreira do *Oceano Polar* e torna a Eurásia vulnerável aos ataques aéreos partidos da América do Norte e através de rotas polares. Concorde, porém, que, embora o *Heartland* seja vulnerável às agressões aéreas, a perspectiva de uma invasão com sucesso e dependente do *Poder Terrestre ou Naval* é remota.

Afirma que, em uma guerra moderna em larga escala, o resultado final depende grandemente do potencial humano, acesso a adequados alimentos e matérias-primas, capacidade industrial e um relativo grau de aperfeiçoamento tecnológico. Observa que "o último meio século tem visto surgir nas Américas uma combinação de recursos naturais e capacidade industrial que muito supera o potencial econômico de qualquer outra nação "e não julga que, em futuro próximo, essa superioridade do continente americano possa ser igualada por um comparável desenvolvimento no interior do *Heartland*". Considera a perspectiva do *Heartland* ainda mais ofuscada com a possibilidade de combinação dos recursos das Américas com o complexo industrial da Europa Ocidental.

Fala de Haushofer como apologista das idéias de Mackinder e defensor da tese de conquista do *Heartland* por meio de uma infiltração de ordem econômica.

Finalmente, passando a analisar as previsões do geógrafo inglês, o autor apresenta as seguintes considerações: a teoria de Mackinder de que quem governa a Europa Ocidental comanda o *Heartland* constitui hoje um axioma; o desenvolvimento interno da URSS está sendo acompanhado de uma pressão externa, como se estivesse respondendo à segunda previsão. Acha, porém, que "dividindo a Europa em duas facções hostis, pode-se evitar a unificação da *Ilha Mundial*, ponto essencial, segundo Mackinder, para a conquista do Universo". Quanto à terceira e última previsão, considera-a aceitável, pois a posse da *Ilha Mundial*

(2/3 da superfície da terra e 3/4 de sua população) e a sua constituição em uma única entidade política e econômica permitiria "colocar o restante do mundo sob seu jugo".

Na conclusão do trabalho admite que a Teoria de Mackinder continua sendo uma poderosa generalização mas declara que grande parte dela está em contradição com os acontecimentos presentes. Aponta a segunda previsão como sendo a principal objeção em aceitá-la totalmente e julga que o *Heartland* de Mackinder tende a diminuir de importância à proporção que a Europa assume seu lugar como pivô.

6. Há razão para temor? GEORGE H. MILLER, Cap-Mar EE. UU. (Publ. no n. MAI 53 do "United States Naval Institute Proceedings", EE. UU.): V. XXXIII, N. 9 de DEZ 53 — pp 27/36.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. GEOPOLÍTICA (Um ponto de vista)
3. O CONCEITO DE MACKINDER (Antecedentes Históricos, A Teoria de "Heartland", Transporte Aperfeiçoado, Novas Invenções)
4. O AVIÃO E A GEOPOLÍTICA
5. VIAS MARÍTIMAS E POLÍTICA
6. FILOSOFIA DO PODER MARÍTIMO
7. "Heartland" ou "Hinterland"
8. O MEIO-TÉRMO
9. A FILOSOFIA TERRESTRE
10. FALTA DE COMPREENSÃO (Conceito Educativo)
11. O CONCEITO DE MACKINDER
12. CONCLUSÕES

R E S U M O

Admitindo que "os cidadãos dos EUA da América, o colosso entre as nações, vivem com medo" e que um dos receios mais comuns do povo americano é, naturalmente, a União Soviética, o autor passa a comparar o poder marítimo com o poder terrestre do *Heartland*.

Apresenta, dentre outros, os seguintes argumentos a favor do poder marítimo: o seu horizonte, não fica limitado a uma grande massa de terras; o avião constituiu outro meio para aumentar a sua mobilidade e capacidade e serve para estender a sua influência dominante a regiões anteriormente fora de seu alcance; finalmente, julga que o avião veio ampliar, ainda mais, a secular brecha entre o poder marítimo e o poder terrestre.

Quanto ao poder terrestre, afirma que, no momento, prevalece a filosofia em seu favor porque o medo parece governar o pensamento e as ações do povo americano. "Medo do aparentemente vasto potencial do interior asiático" e resultante da opinião do apologista do poder terrestre quase sem consulta ao homem do mar.

Referindo-se à Teoria de Mackinder, declara que "esta expressiva advertência é hoje em dia aceita como um fato pela maioria das pessoas. Contudo é apenas uma teoria, cuja validade nunca foi demonstrada pela

história! (O Gen Haushofer, geopolítico alemão, era um admirador das teorias do *Heartland*; foi um dos arquitetos de alguns erros estratégicos de Hitler!). Será que a conhecida sentença de Mackinder, aceita por muitos cuja investigação geopolítica não é muito profunda, é a origem do medo do *Heartland*?"

Considera "a guerra em elaboração uma guerra de idéias, ao invés de um conflito de bombas e projéteis". Admite que "é a velha luta do homem para manter sua liberdade e dignidade pessoal em face do irremediável abuso da tirania". Julga que já é tempo dos cidadãos norteamericanos revelarem sua perspectiva geopolítica e começarem a apreciar o poderio decorrente da posição marítima dos EUA.

Termina o trabalho com as seguintes afirmações: "o mundo nunca esteve mais seguro para se viver. Aqui estão as estatísticas: a população da Terra duplicou nos últimos 100 anos".

7. **A Geopolítica e as Filipinas — CORNÉLIO T. VILLAREAL**
(Publ. no n. ABR 53 do "Philippine Armed Forces Journal"):
V. XXXIII, N. 11 de FEV 54 — pp 90/94.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. INFLUÊNCIA SOVIÉTICA
3. TRATADOS DEFENSIVOS
4. POTENCIAL SOVIÉTICO
5. A FÔRÇA DO MUNDO LIVRE
6. DEFESA DO EXTREMO ORIENTE
7. ATIVIDADES FILIPINAS
8. NECESSIDADES DEFENSIVAS
9. CONCLUSÃO

R E S U M O

O autor, após caracterizar a esfera de influência da União Soviética em relação às demais nações do mundo, conclui que as áreas abrangidas por essa potência "compõem u'a massa terrestre, correspondente a mais de um sexto do globo e capaz de atuar sobre os restantes cinco sextos, em qualquer direção".

Mostra que o mundo não-soviético tem feito alianças e tratados para proteger-se contra essa ameaça. Refere-se ao tratado ANZUS, à aliança entre a Turquia, Grécia e Iugoslávia, ao Tratado do Rio de Janeiro, ao Tratado do Atlântico Norte (NATO), aos pactos unilaterais defensivos entre o Japão e os EE.UU., etc.

Examina o potencial humano e material bélico da URSS e da China Comunista. Apresenta a "fôrça do mundo livre". Trata da linha de defesa do Extremo-Oriente (Alaska, Aleutas, Japão, Formosa e Filipinas). Afirma que os soviéticos possuem, secretamente abrigada, uma esquadra no Pacífico, constituída de cruzadores, contratorpedeiros, submarinos, etc. Declara que essa esquadra pode ser reforçada pela da China Comunista que, além de cruzador, contratorpedeiros, submarinos e barcos menores, possui juncos motorizados capazes de transportar cinco exércitos.

Atribui cinco possibilidades específicas ao inimigo:

- 1) desembarcar sabotadores, agentes inimigos, suprimentos e propaganda subversiva para os Huks (rebeldes filipinos);
- 2) desencadear operações submarinas contra a marinha mercante (filipina);
- 3) realizar ataques com projéteis dirigidos contra qualquer instalação militar ou centro industrial;
- 4) interromper as rotas marítimas, mediante o emprêgo de minas;
- 5) apoiar operações anfíbias do Exército da China Comunista.

Trata das necessidades defensivas das Filipinas e conclui que este país estará perdido, caso o Japão seja envolvido pela órbita comunista".

8. **A Índia e seus Vizinhos, uma Interpretação Geopolítica** — C. S. VEKATACHAR (Publ. no n. ABR 54 do "The Journal of the United Service Institution", Índia): V. XXXIV, N. 10 de JAN 55 — pp 100/109.

S U M A R I O

1. (Introdução)
2. SITUAÇÃO DOS VIZINHOS
3. COMÉRCIO
4. RELIGIÃO
5. POLÍTICA
6. O INTERCÂMBIO DA CIVILIZAÇÃO
7. O PODER MARÍTIMO
8. DUELO ENTRE O OCIDENTE E O ORIENTE
9. O PODER TERRESTRE VERSUS O MARÍTIMO
10. HEARTLAND
11. ESPAÇO

R E S U M O

"Nenhuma idéia básica isolada teve seu significado original tão truncado e deturpado como a palavra alemã Geopolitik", afirma o articulista. Referindo-se às teorias de Mackinder, declara que seu autor "duvidou da presunção dos *insulares* quanto à invencibilidade do poder marítimo, advertindo-os que a organização do espaço e do potencial humano pelos *continentais* significaria a desgraça daqueles e a destruição de seu sistema democrático de vida".

Estuda a Ásia e Europa em conjunto e considera-o dividido nas seguintes zonas *terra da monção* (Índia, China e Índias Ocidentais); massa de terras da Eurásia (área terrestre que se estende do Pacífico ao Báltico); terras costeiras da Europa (Europa Ocidental, Mediterrânea e ilhas adjacentes); Crescente Fértil (ponte existente entre a Ásia e a África); e deserto de Saara (do Atlântico ao Nilo). Mostra que a *terra da monção* e as terras costeiras da Europa ocupam, apenas, 1/5 do total da Ilha Mundial mas possuem 4/5 do total da população do mundo. Fala dos grandes espaços despovoados (regiões do Saara, Arábia, Ásia Central e Sibéria) que somados representam uma área de 3 bilhões de hectares para uma população de menos de 30 milhões ou 1/17 da população do globo.

Faz alusões ao "corredor ou caminho livre" que liga a Europa à Ásia e permitiu o movimento de várias correntes de civilização. Refere-se aos movimentos nômades que foram ao encontro da civilização hindu e afirma que os responsáveis por esses movimentos foram absorvidos ou desbaratados.

Para o autor, os "nômades eram povos em marcha" e considera um erro apresentá-los como conquistadores do mundo.

Tratando do poder marítimo, mostra que o número de pessoas que se deslocaram pelo mar foi maior que o dos nômades por caminhos terrestres e declara que no século XIX cerca de 40 milhões de indivíduos foram transportados através dos mares, principalmente para as Américas.

Reportando-se ao "duelo entre o Ocidente e o Oriente" explica que "as duas Grandes Guerras foram tentativas diretas para expulsar o poder marítimo de suas bases terrestres".

Expõe os seguintes argumentos com os quais pretende contrariar a concepção do Heartland:

- 1) Mackinder, pensando na idade marítima, não podia reconhecer o potencial do poder aéreo que ele supõe ser um aliado do poder terrestre;
- 2) talvez, o geógrafo inglês tenha exagerado a capacidade dos *continentais* organizando o poder naval se conseguisse conquistar as regiões terrestres próximas dos mares;
- 3) somente o tamanho não proporciona uma superioridade absoluta. Certas áreas menores podem ter outros atributos — materiais, morais e espirituais que pesam na balança.

Julga que foi ultrapassada a época em que o espaço e o potencial humano podia infundir receio. Afirma que "a conclusão final sobre a Geopolítica tem que ser colhida através do espírito do homem" e conclui o trabalho declarando: "aconteça o que acontecer o mundo recusar-se-á a admitir que seu equilíbrio depende apenas de uma concepção física de espaço e população."

9. A Base Geopolítica da Guerra Moderna — T. HAMMER, Maj (Publ. no n. ABR 55 de "Norsk Luftmilitaert Tidsskrift", Noruega): V. XXXV, N. 8 de OUT 55 — pp 75/82.

S U M A R I O

1. (Introdução)
2. REVISÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA
3. PODER TERRESTRE VERSUS MARÍTIMO
4. PROGRESSO
5. PODER MARÍTIMO
6. PODER AÉREO
7. REQUISITOS GEOPOLÍTICOS
8. CONCLUSÃO

O autor admite que "as relações internacionais, e portanto as condições internas são governadas por fatores geográficos". Reporta-se à

época em que os geopolíticos discutiam o poder terrestre e o poder marítimo e diz que "em nossos dias o poder aéreo adquiriu importância decisiva e sua influência nas relações internacionais não pode ser esquecida".

Fala da Teoria de Mackinder (1904) e afirma que o seu autor "precebeu claramente as possibilidades do coração da terra e chegou à conclusão de que a Inglaterra nunca deverá permitir que um poder contínuo o subjuguem para usá-lo contra o Império". Mostra que "até agora os alemães têm procurado obter uma decisão pelas armas, mas este é o único meio de que dispõem"; acrescenta que o próprio Haushofer julgava a infiltração econômica um processo mais eficiente.

Refere-se à OTAN como sendo um novo "namôro" do Ocidente e da Alemanha Ocidental para evitar que a União Soviética possa vir a controlar toda a Alemanha e juntar aos seus próprios a produção dos recursos deste país.

Lembra que, durante a última guerra a Alemanha, após ter ocupado virtualmente toda a Rússia Européia, ainda estava longe de ter-se apercebido das novas fontes de produção e do potencial humano soviético. Informa que a expansão industrial na URSS "está espalhando-se muito mais rapidamente do que se pensava" e que "a vantagem que o Ocidente tinha sobre a União Soviética está diminuindo cada vez mais". Mostra que hoje "existe uma sociedade moderna e produtiva no coração da terra; que a URSS "controla a maior massa de terra e possivelmente os maiores recursos do mundo"; que "o fator tempo parece estar a seu favor"; que a União Soviética "é muito forte em terra e que seus recursos, quanto ao potencial humano são enormes".

Estuda o poder marítimo e apresenta os seguintes fatores que, segundo Mahan, foram de decisiva importância no desenvolvimento da forma de poder:

- 1) localização geográfica e conformação física;
- 2) tamanho do território;
- 3) população e caráter nacional;
- 4) política executiva

Declara que a União Soviética já é a segunda potência marítima do mundo e considera esse fato uma manifestação de que esse país abdicou a dominação do mundo pois que, não depende do poder marítimo para o seu desenvolvimento comercial e militar.

Analisa a importância atual do poder aéreo. Considera a União aberta ao ataque aéreo e afirma que este país é mais vulnerável que a E.E.U.U. aos ataques com armas atômicas contra suas indústrias-chave.

Lembra que a produção do trabalhador soviético é menor que a do trabalhador ocidental. Julga que o abastecimento de alimentos constitui um grande problema para os comunistas e que o rigor do clima é uma grande desvantagem para o país.

Admite, na conclusão do trabalho que "a imunidade da URSS ao ataque terminou com o advento do bombardeiro de longo alcance". Mostra que a posição estratégica de países como a Inglaterra e a Alemanha piorou muito, pois os mesmos não possuem o espaço necessário para a dispersão de suas populações ou instalações. Termina o trabalho afirmando que "as condições geográficas e a expansão territorial que requerem nova significação e são tão importantes para o atacante como para o defensor".

10. A Localização Estratégica da América do Sul — THEODORE WYCKOFF, Maj: V. XXXVI, N. 4 de JUL 56 — pp 14/18, 1 fig.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. NOVOS PROGRESSOS TECNOLÓGICOS
3. PBI (Projétil Balístico Intercontinental)
4. ALCANCE SIGNIFICATIVO
5. IMUNIDADE SUL-AMERICANA
6. CONCLUSÕES

Obs. A figura do artigo mostra, num mapa-mundi, as diversas regiões da terra que estão dentro do raio de alcance de ataques de PBI partidos da URSS.

R E S U M O

O autor inicia o artigo admitindo que a maioria dos cidadãos americanos reconhece a grande vulnerabilidade do grosso da indústria dos EE.UU. a um ataque aéreo soviético. Mostra que a imensa "ilha mundial" que constitui a maior parte do hemisfério terrestre possui uma vasta península denominada América do Sul. Afirma que essa península poderá constituir um bastião do mundo livre em virtude do seu "afastamento dos agressores localizados na região Euro-Asiática-Central".

Julga que uma das razões que impediu a transformação dos conflitos asiáticos dos últimos seis anos em guerras de grandes proporções foi o fato das partes interessadas estarem perfeitamente convencidas do poder de represália da outra.

Faz referências às armas de ataques de grande alcance do poder aéreo soviético, e declara que todo o NE dos EE.UU. e 70 % de suas indústrias estão ao alcance de qualquer uma das doze ou mais bases aéreas soviéticas. Esse fato, explica o articulista, possibilita relegar o país à situação de potência de 3ª categoria em um único ataque atômico bem sucedido.

Refere-se ao PBI (Projétil Balístico Intercontinental) como representando a ameaça mais séria à segurança militar dos EE.UU. Estuda a posição estratégica da América do Sul face a essa poderosa arma e conclui que este continente "é a única área terrestre do mundo que, tanto hoje, como em futuro previsível, não pode ser atingida pelo PBI de 8.850 Km de alcance".

Nas conclusões do trabalho, sugere a exploração de um programa que estabeleça parte do potencial básico de combate dos EE.UU. no continente Sul-Americano. Lembra que "algumas áreas da América Latina sofrem de desnutrição econômica, doenças e ignorância e, assim, constituem alvos importantes para a propaganda e a subversão comunistas". Cita exemplos recentes como o da Guatemala e o da Guiana Britânica.

Termina o trabalho salientando que "os fatos geográficos constituem apenas mais uma razão obrigatória entre as que justificam que um grande programa de investimento e de expansão industrial na América do Sul beneficiaria a todas as Américas.

11. O Valor Atual da Geopolítica — JUAN DE ZAVALA CASTELA, Maj (Publ. no n. JUN 55 de "Ejército", Espanha); V. XXXVI, N. 5 de AGÔ 56 — pp 80/87.

S U M A R I O

1. (Introdução)
2. FATORES
3. FATORES GEOGRÁFICOS
4. A GEOPOLÍTICA
5. REVISÃO DE CONCEITOS
6. DEFEITOS DA GEOPOLÍTICA
7. VALOR MILITAR

R E S U M O

O autor afirma que "para estudar o fator geográfico como o faz a geopolítica temos que dedicar alguns pensamentos à História, à Economia e à Política. Reconhece que "o fator econômico, tão diretamente apoiado no geográfico, pode ser, se não a causa única dos desequilíbrios que dão motivo aos transtornos políticos e às guerras, pelo menos seu pretexto material".

Reporta-se aos estudos dos problemas das relações internacionais realizados por ingleses e americanos, à luz da Geopolítica. Focaliza as diversas doutrinas por eles criadas: "Mahan, americano, ao expor os elementos que integram e apoiam o poder naval; Mackinder, inglês, ao criar as leis em busca da explicação do domínio e o Major Seversky, ao justificarem suas idéias sobre o poder aéreo; ou, em ambiente mais amplo e geral, o americano Spykman, ao formular os princípios políticos do atual poderio norte-americano; ou Weigert, ao fazer sua tão discutida síntese geopolítica".

Informa que "a Escola Geopolítica Alemã fundada pelos geógrafos Otto Maull, Arnst Obst, Siegfried Passarge e outros discípulos de Ratzel deu à Geopolítica seu maior impulso". Recorda as idéias fundamentais de Ratzel (Estado como organismo, desenvolvimento do organismo estatal, etc).

Atribui a Haushofer a concretização do "sentimento de luta que se pode perceber na Geopolítica ao assinalar como objetivo da política dos Estados a conquista do espaço".

Expõe algumas conceituações de Geopolítica formuladas por Kjellén e focaliza os seguintes ramos dessa ciência estabelecidos por Jaime Vicens Vives: *Geopsique*, *Geomedicina*, *Biopolítica* ou *Etnopolítica* e *Geonomia*.

Mostra que "há uma certa analogia entre a ciência Geopolítica e o que podemos chamar de *Geografia Militar*, pois, embora os conceitos daquela ciência tenham sido desvirtuados, tiveram, também, aplicação útil na guerra". Considera a Geopolítica intimamente relacionada com os estudos militares, especialmente com os geográficos. Declara que a ciência já foi conceituada como sendo "o estudo do aproveitamento inteligente do próprio território, pelo que se converte em arte de governo."

As últimas apreciações feitas pelo autor referem-se ao "poderio militar" que julga composto dos seguintes fatores: caráter geográfico (situação relativa ao país ou bloco, configuração física, clima, recursos e extensão); população (quantidade e qualidade); potencial econômico, recursos e indústrias; caráter das instituições militares, organização e qualidade de seus Exércitos e doutrinas de guerra próprias.

12. O Pivô da História — O. EDMUND CLUBB: V. XXXVI. N. 11 de FEV 57 — pp 3/11, 2 fig + 3 quadros.

S U M Á R I O

1. (Introdução)
2. CONSEQUÊNCIA DA 2ª GUERRA MUNDIAL
3. MUDANÇA DO CENTRO DE GRAVIDADE
4. A ÁSIA SOVIÉTICA
5. DESLOCAMENTO PARA O ORIENTE
6. EXPANSÃO ACELERADA
7. RIQUEZA MINERAL INCONTÁVEL
8. ENERGIA — FATOR-CHAVE
9. AUMENTO DOS TRANSPORTES
10. PLANEJAMENTO AMBICIOSO
11. ESFORÇO AGRÍCOLA
12. NENHUM COMPETIDOR VIZINHO
13. IMPORTÂNCIA DA MANDCHÓRIA
14. PODER TERRESTRE
15. POSIÇÃO INVEJÁVEL

F I G U R A S

1. Deslocamento do centro de gravidade industrial (da URSS) para Este
2. Esbôço Polar

R E S U M O

Após diversas considerações e citações da tese apresentada em 1904 por Mackinder, o autor passa a focalizar as seguintes alterações processadas na organização política da Ásia após a 2ª Guerra Mundial: retirada da Grã-Bretanha da Índia; eliminação do Japão como potência militar; vantagem obtida pela URSS com o Pacto de Yalta; e aliança da URSS com a China. Esses acontecimentos, segundo o autor, determinam a transferência do centro estratégico do mundo, da Europa Ocidental para a Ásia. Por isso, afirma que "o Japão, a Índia e o Oriente Médio transformaram-se agora no foco da luta pelo poder mundial".

Referindo-se ao potencial econômico da Ásia Soviética cita as seguintes palavras de Krushev: *nas regiões orientais da (URSS) estão concentrados 75 % de todas as reservas de carvão, 80 % do potencial hidrelétrico, 4/5 da riqueza de madeiras e as principais reservas de metais não ferrosos e raros, além de enormes recursos de matéria-prima química, minério de ferro e material de construção.*

Mostra que está se processando um grande deslocamento para o Oriente pois, após a 2ª Guerra Mundial, 915 grandes instalações industriais foram transferidas para o extremo-este e "um número sempre crescente de cidadãos soviéticos está se estabelecendo no Oriente Soviético".

Trata da expansão acelerada da indústria do país e faz referências à grande riqueza mineral da Sibéria (Kazakstão, etc) e expõe o seguinte plano de Krushev:

Nos próximos 10 anos precisamos converter a Sibéria na maior base soviética de mineração do carvão e produção de energia elétrica, elementos principais para as indústrias que consomem calor e energia, em particular as de produção de alumínio, magnésio e titânio, bem como a eletrometalurgia, a química de carvão e a eletroquímica.

Tece algumas considerações sobre a ampliação do potencial de energia da Sibéria e sobre o aumento dos transportes.

Observa que "no momento em que os E.U.A. estão a caminho de ver esgotados alguns de seus minerais essenciais — os minérios de ferro mais ricos, por exemplo — a União Soviética está, para todos os fins e propósitos, apenas começando a exploração de um novo e rico continente".

Focaliza a importância da Mandchúria (duas vezes maior que o Texas, 45 milhões de habitantes, agricultura desenvolvida, valiosos recursos minerais, rápido desenvolvimento industrial e o melhor sistema de transportes ferroviários do este asiático).

Na última parte do trabalho declara que "a URSS saiu da 2ª Guerra Mundial como a mais forte potência terrestre do mundo, e está situada numa posição estratégica excepcional para a defesa — ou para qualquer avanço político na Ásia ou (através do Oriente Médio) na África".

Termina o artigo afirmando que "qualquer estratégia face a Ásia, para ser eficiente, precisa ser bem adaptada às modificações das realidades político-econômicas daquele vasto continente".

13. **Vigilância — Sim ; Médo — Não ! — C. LANGEON WHITE.** **Prof : V. XXXVI, N. 12 de MAR 57 — pp 3/16, 3 fig.**

S U M A R I O

1. (Introdução)
2. QUE É A GEOPOLÍTICA?
3. HITLER E A GEOPOLÍTICA
4. A URSS AGE MELHOR
5. PONTOS FORTES (Extensão Territorial, Recursos Minerais, População. O Sistema Militar. Poderio Industrial).
6. PONTOS FRACOS (Extensão Territorial, Isolamento, Climas, Poucas Terras Aráveis, Alimentação Inadequada, Descontentamento dos Fazendeiros, Falta de Transportes, Importância das Ferrovias, Pequena Quilometragem de Rodovias, Transportes por Água, Fontes de Energia, Baixo Padrão de Vida.
7. UMA APRECIACÃO
8. É PROVÁVEL UMA GUERRA EUA — URSS?
9. NÃO BASTA O PODER AÉREO
10. CONCLUSÃO

F I G U R A S

1. A Rússia na Ilha do Mundo
2. Mapa político da URSS mostrando, também, as regiões cobertas da Tundra e de Taiga
3. Produção mundial de aço

RESUMO

O autor caracteriza como objetivos do seu trabalho:

- 1) apresentar os pontos fortes e fracos da URSS;
- 2) indicar quão grande é o perigo atual da América face à Rússia;
- 3) balancear as probabilidades de uma guerra entre os dois países.

Afirma que "os líderes russos seguem inegavelmente um esquema geopolítico" e diz que "há duas espécies de Geopolítica: a pseudociência da ditadura como foi praticada por Mussoline, Hitler e os homens do Kremlin; e a americana, britânica e francesa, que não é anti-social, cujo conteúdo é válido e que proporciona marcos para os estadistas". Conceitua a nova ciência como sendo "uma teoria de conduta internacional em que o Estado é considerado o fator principal e em que todos os outros Estados e seus interesses são de importância secundária".

Refere-se à teoria de Mackinder; faz algumas citações da mesma e declara que o célebre geógrafo inglês "parece ter errado em dois aspectos importantes: primeiro, sustentou que a posição do coração da terra era tão boa como pivô que acabaria por dominar todo o mundo". (Contra isso, observa que no começo do Século XX o poderio político estava centralizado na Europa e na Alemanha e não na Rússia). Segundo, Mackinder sobrestimou a importância da ilha mundial e subestimou a importância dos E.U.A."

Faz algumas considerações sobre a Geopolítica alemã. Fala de Haushofer, Ratzel, Penck, Dix, Kjellén, etc. Julga que a tentativa russa de empregar a Geopolítica está sendo bem sucedida conforme previu Mackinder porque foi eliminada a influência alemã da Europa Central.

Após declarar que "a URSS tem a firme determinação de tornar-se a nação mais forte da terra", passa a focalizar os seus pontos fortes. Tratando da extensão territorial desse Estado, lembra que na última guerra, enquanto a Bélgica e a Holanda resistiram apenas alguns dias, a Rússia e a China não foram derrotadas.

Considera a URSS como sendo o país do mundo mais rico em recursos minerais e possuidor de um respeitável potencial humano (200.200.000 habs.). Focaliza as migrações do povo russo para a Ásia Central. Afirma que a URSS tem mais militares em serviço do que qualquer outro país do mundo, que a sua Força Aérea possui uns 20.000 aviões, com a produção dos aviões a jato crescendo rapidamente; e que a Marinha Soviética dispõe de 300 submarinos. Reconhece que "em nenhum país a transição do camponês analfabeto para alfabetizado e agora para pessoal treinado tem sido tão rápida e tão impressionante como na URSS". Além disso, informa que o país está formando mais cientistas e engenheiros do que os E.U.A. Segundo sua previsão, o Estado comunista, em 1960, terá 1.200.000 cientistas e engenheiros enquanto os E.U.A. terão 900.000. Diz que a União Soviética é hoje a segunda potência industrial do globo, mas põe restrições na produtividade do operário russo.

Examinando os pontos fracos da grande extensão territorial do país, observa: "dos mais de vinte e um milhões de quilômetros quadrados da URSS, apenas um milhão e trezentos mil quilômetros quadrados são cultiváveis"; a população não está bem distribuída; o Estado tem necessidade de controlar e unir povos diversos e numerosos. Fala do isolamento da União Soviética face às grandes rotas marítimas e comerciais; e dos climas continentais do país com suas diferenças extremas de calor e frio.

Apresenta algumas deficiências do sistema de transportes. Julga o país bem aquinhado de energia e observa que esta e a população não estão, muitas vezes, no mesmo lugar.

Conclui suas apreciações sobre o poderio da Rússia com as seguintes observações: "pondo todos os pontos fortes e fracos na balança a URSS parece estar muito atrás dos E.U.A. nas características que fazem de uma nação uma potência de primeira classe".

Para analisar a "probabilidade ou não de uma guerra EUA-URSS", cita os seguintes fatores do poderio nacional: *população, recursos em força e energia; recursos em ferro e aço; conhecimento tecnológico; conhecimento militar, e chefia agressiva.* Concluiu, em consequência: "Se isto é verdade, os EUA são então o único país em condições de fazer prevalecer suas idéias em qualquer parte do mundo, contra uma oposição decidida".

Adverte que a URSS tem um plano para comunizar o mundo e considera os EE.UU. a única nação suficientemente forte para resistir. Mostra que "esses dois gigantes são vizinhos próximos; uma guerra possivelmente atingiria os EUA pelo ar; e que os EE.UU. nunca tomarão a ofensiva ou farão uma guerra preventiva.

Não concorda com os estudiosos que dizem que os EUA podem ser batidos apenas pelo poder aéreo, mas julga que a única coisa que os homens do Kremlin temem é o poderio aéreo. Ressalva, porém, que esse "destrói mas não ocupa nem conquista".

Considera inconcebível uma guerra entre os dois gigantes, pois a mesma "seria longa, sangrenta, dolorosa, dispendiosa e terminaria em um empate com a exaustão completa de ambos os lados".

Na Conclusão, faz as seguintes considerações:

- Mackinder foi um grande pensador;
- os russos estão empregando a Geopolítica e conquistariam a "ilha mundial", não fora a Força Aérea dos EE.UU.;
- o mapa atual do espaço russo-polonês-alemão é uma réplica exata do mapa da área pivô de Haushofer;
- a realização completa da equação de Mackinder está ao alcance dos dominadores do "coração da terra";
- não importa o que se pense da Geopolítica, o fato é que a maioria dos estadistas e chefes militares a empregam.

Encerra o artigo com a afirmação "a guerra em futuro próximo não parece iminente".

14. A OTAN e o Atlântico Sul — JOÃO MENDES DA SILVA.
Cel-Av da FAB (Publicado no n. OUT de 57 da "Revue Militaire Générale". França): V. XXXVIII, N. 12 de MAR 59
— pp 106/110, 2 fig.

SUMÁRIO

1. (Introdução)
2. O PLANO DA OTAN
3. O ARTICO
4. A ESTRATÉGIA SOVIÉTICA
5. O PAPEL DO BRASIL

FIGURAS

1. Esquema apresentando a possibilidade da URSS atacar a América do Norte, partindo de suas bases.
2. O "Saliente nordestino" como sentinela avançada da América do Sul.

RESUMO

"O objetivo primordial da OTAN, na época em que foi concebida, era assegurar a proteção eficaz do Mundo Ocidental", informa o autor; e esclarece: "a estratégia adotada baseava-se na capacidade de enfrentar o agressor com uma eficiente defesa terrestre e naval e lançar instantaneamente uma represália aérea maciça". Passa a focalizar os planos atuais da OTAN à luz dos novos engenhos de guerra e conclui que os bombardeiros intercontinentais (B-52 e "Bison") e os MBIC (*Triton*, *Atlas*, T-3 e T-4), bem como o *Nautilus* e o *Seawolf*, escrevem as novas páginas da doutrina da *Geopolítica total*, sucedendo às teorias antiquadas de Haushofer, Mackinder e Mahan".

Afirma que "o poder aéreo revolucionou a geopolítica ao integrá-la pela reunião da terra e da atmosfera no tempo". Mostra que o poder aéreo conferiu particular importância ao ártico e que as rotas através dessa região constituem "a linha mais direta para o ataque ao coração de qualquer dos continentes".

Examinando o "papel do Brasil" no quadro mundial, observa: "se o Ártico permite uma operação desbordante para o norte, também é possível imaginar-se uma operação na direção sul através do Oriente Próximo e da África. Isso torna importante a organização defensiva da América do Sul da qual o Brasil é uma peça essencial". Caracteriza duas "áreas geopolíticas brasileiras: o "saliente nordestino" e o Atlântico Sul. Considera a primeira uma sentinela avançada do continente sul-americano e o "o elo que assegurará a unidade do país entre o industrializado e o dinâmico sul e a *Hiléia-Amazônica*".

Julga que a defesa do Atlântico Sul no plano internacional, constitui o complemento lógico da defesa conjunta do Atlântico Norte e do Mar Mediterrâneo cuja responsabilidade cabe à OTAN. Salienta que o Atlântico Sul está destinado a ser a passagem natural das linhas comerciais de transporte dos Aliados e transcreve as seguintes palavras de W. Lippman (1943): — "No Atlântico Sul é indispensável manter fortes bases navais e aéreas no saliente nordestino do Brasil.

Admite que "o tempo trabalha a favor do mundo livre"; que "o poderio das Américas cresce dia a dia"; e que "o Brasil desempenha nesse conjunto um papel vital devido à sua situação estratégica, riquezas naturais e potência demográfica".

15. Geopolítica e Geoestratégia — LEPOTIER, Cont-Alm (Publ. no n. de FEV 58 da "Revue de Defense Nationale", França): V. XXXIX, N. 5 de AGÓ 59 — pp 82/89.

SUMÁRIO

1. (Introdução)
2. O DIPLOMATA
3. O ESTRATEGISTA
4. GEOGRAFIA HUMANA
5. MIGRAÇÃO
6. SIGNIFICAÇÃO DOS FATORES
7. EVOLUÇÃO
8. EXPANSÃO
9. PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

10. FÓRCAS DE INTERVENÇÃO
11. FATORES CONSTANTES
12. SITUAÇÃO ATUAL
13. ZONAS DE FRICÇÃO

R E S U M O

Para o autor, "a geografia geral do nosso planêta sempre constitui um fator fundamental na política e na estratégia". Afirma que "a despeito das sabidas relações entre o diplomata e o militar, os dois viam os mapas, no passado, sob pontos de vista muito diferentes".

Mostra que o diplomata se interessava particularmente pelas organizações territoriais e suas fronteiras. Considera a "Bula de Demarcação" de 1493 (do Papa Alexandre VI) que determinou a divisão de áreas inexploradas da terra entre espanhóis e portugueses, como sendo "a primeira e mais ampla demarcação geopolítica". Lembra que essa decisão tornou-se a causa de bom número de guerras e apresenta alguns exemplos atuais dessa "tendência delimitadora".

Recorda que o estrategista, durante muito tempo só encarou na geografia aquilo que afetava sua capacidade de movimentar exércitos e salienta que "durante vários anos a política e estratégia se interessaram quase exclusivamente pela geografia física do nosso planêta". Admite "a evolução das sociedades humanas como sendo, possivelmente, o mais importante fator em geopolítica e geoestratégia". Analisa o processo de expansão da humanidade pelos continentes e explica que "à altura do século XVI a civilização européia tinha se desenvolvido a ponto de se poder lançar ao mar aberto, descobrindo as outras ilhas do arquipélago mundial. Diz que enquanto esse movimento se processava, os europeus de Leste se estabeleceram ao longo dos grandes rios siberianos e mostra que esses dois movimentos foram "as raízes geopolíticas dos dois blocos antagônicos de hoje".

Observa que os movimentos desses povos determinaram a abertura de uma "segunda frente no Pacífico Nordeste (onde se aproximam o Nordeste da Ásia e o Noroeste da América); e que, após a Era do Ar, foi estabelecida uma terceira frente aérea, através o Ártico.

Refere-se ao aumento do consumo das matérias-primas e à necessidade de procura de minerais, em regiões cada vez mais afastadas dos centros de consumo. Caracteriza a importância dos combustíveis "fósseis" como o carvão, petróleo e urânio e cita os seguintes elementos que teremos de saber, para avaliar o potencial econômico de um país:

1. recursos minerais explorados, em seu território e no ultramar: minérios de ferro e de outros metais, carvão, e petróleo;
2. gêneros alimentícios, produção interna e importação, incluindo o trigo e outros cereais e gado;
3. produção industrial de aços e outros metais, carros, caminhões, tratores, aeronaves, vagões, estações de rádio, equipamento de radar e motores;
4. produção de energia: térmica, hidrelétrica e atômica;
5. estradas de ferro, rodovias, portos, navios mercantes e fluviais, e tonelagens de cargas transportadas anualmente;
6. contribuição para a pesquisa científica.

Julga que a política e a estratégia que "antigamente eram exercidas sobre objetivos diferentes e em épocas distintas pelos diplomatas

e pelos militares, serão realizadas, doravante de modo combinado, simultâneo e total".

Recorda que, no passado, "os conflitos se mantinham geograficamente restritos e havia uma distinção clara entre revoluções internas e guerras com o estrangeiro" e observa que "hoje, a menor agitação tende a passar do nível mais provinciano para o universal".

Afirma que a preparação para a guerra deve começar pela decisão de travá-la no momento e no lugar oportuno para o país considerado. E que, "se nos prepararmos só pelo fato de atribuímos ao adversário a intenção de nos guerrear, bradando que em circunstância alguma nós iniciaremos o conflito, condenamo-nos à derrota".

Mostra que numa situação político-estratégica de caráter defensivo, só uma coisa pode ser feita; é a preparação para contingências *menos plausíveis*. No nível estratégico, observa, isso nos leva a prever o emprego de "forças de intervenção" possuidoras de *toda a gama* de meios de guerra moderna, particularmente os mais poderosos.

Faz ver que "os fatores constantes da geoestratégia no teatro de operações mundial ainda conservam uma importância decisiva; o que está evoluindo é o modo pelo qual o dispomos". E acrescenta: "nesse particular não se deve fazer preparativos para a última guerra".

Diz que "a geografia continua a ser a subestrutura de todas as atividades". Fala que a aviação — considerada estratégica — é a arma mais dependente dos recursos geográficos e cita alguns desses recursos necessários à aviação. Reporta-se à dependência das forças terrestres aos fatores geográficos e mostra que as forças aero-navais estão sujeitas às mesmas limitações no que tange à construção, manutenção, reparação, suprimentos, etc.

Faz as seguintes considerações sobre a situação atual:

- a evolução do mundo nas últimas décadas parece confirmar as teorias geopolíticas de Mackinder, anteriores à Primeira Guerra Mundial;
- presentemente, o "coração da terra" está ocupado pela U.R.S.S.;
- o tradicional impulso da Rússia para os mares abertos permanece como fator fundamental da sua geopolítica que obteve, desde 1945, dois sucessos de vulto: a ocupação das ilhas Curilhas e a abertura, na China, de uma frente marítima de mais de 3.000 Km.

Focalizando as zonas de fricção geopolítica e geoestratégica existentes entre os dois blocos antagônicos, observa que essas zonas situam-se principalmente na "periferia da Eurásia", na "região do Ártico" e na "região atlântica" (cabecas-de-ponte da Europa e Ásia-Menor, e suas retaguardas na América e na África).

Na parte final do trabalho apresenta o seguinte exame das regiões polares:

"A transversal da Antártida está se tornando a plataforma giratória de todos os transportes interoceânicos das potências ocidentais. Ao mesmo tempo, o triângulo América do Sul-África-Austrália assegurará, em futuro próximo, as conexões aéreas mais remotas no hemisfério sul.

A evolução dos fatores geoestratégicos mais característicos é representada pela mudança funcional das regiões polares da Terra. O Ártico, ontem inacessível, está se tornando uma frente de contato aéreo entre as duas potências líderes. A Antártida transforma-se na plataforma de retaguarda, decisiva, para os transportes marítimos e aéreos do Ocidente".

"A transversal da Antártida está se tornando a plataforma giratória de todos os transportes interoceânicos das potências ocidentais. Ao mesmo tempo, o triângulo América do Sul — África — Austrália assegurará, em futuro próximo, as conexões aéreas mais remotas no hemisfério sul.

A evolução dos fatores geoestratégicos mais característicos é representada pela mudança funcional das regiões polares da Terra. O Ártico, ontem inacessível, está se tornando uma frente de contato aéreo entre as duas potências líderes. A Antártida transforma-se na plataforma de retaguarda, decisiva, para os transportes marítimos e aéreos do Ocidente".

Contra-Almirante LEPOTIER

(Trecho de "Geopolítica e Geoestratégia".)

*
* *

"A análise cuidadosa dos métodos e dos campos de agressão ao Estado e dos setores de maior vulnerabilidade que a ela se apresentam abre aspectos novos para o estudo do problema da Segurança Nacional, que não pode, nos dias de hoje, ser colocado simplesmente em meros termos de defesa militar do território. Trata-se, antes, de fortalecer o poder nacional, nos vários elementos que o integram, dentro da concepção moderna de que, do ponto de vista da Segurança Nacional, o Estado deve ser encarado como um organismo vivo, sujeito às mesmas regras de evolução e com os campos de vulnerabilidade comparáveis aos que caracterizam a biologia humana. A história da guerra, através dos tempos, revela que os atos de agressão, antes característica e puramente militares, ampliaram-se, de modo considerável, para atingir os Estados agredidos em setores e por processos outros, muitas vezes mais eficazes, além de menos ostensivos, do que os propriamente militares".

Gen A. DE LYRA TAVARES

(Trecho de "Segurança Nacional" — Antagonismos e Vulnerabilidade).

*
* *

"Os fatores fundamentais do fortalecimento e da coesão da comunidade nacional se encontram no cuidado com o preparo do cidadão, físico, moral e espiritual, na educação e orientação do povo e no esclarecimento da opinião pública".

Gen A. DE LYRA TAVARES (op. cit)